

Voz de PORTUGAL



MONTREAL - TORONTO - WINNIPEG - OTTAWA - HALIFAX - VANCOUVER

ANO VIII No. 343

P.O. BOX No. 9, STATION "G", MONTREAL-18, P.Q. - TEL. AV8-4804

24 de Janeiro de 1969

16 concorrentes, 2 profissionais e vários conjuntos no Festival da Canção

Caminha-se a passos de gigante para o grande dia do Festival Etnico da Canção, em 8 de Fevereiro de 1969, no Plateau Hall do Parque Lafontaine. Dezasseis concorrentes, representando nove países, estarão presentes na liça, cada um conquistando ao outro o direito de permanecer na prova, até que o Juri decida sobre qual vai ser o Rei ou a Rainha da Canção.

Os concorrentes portugueses são: Maria Sabina Mendonça, Fernanda Carvalho, João Luis, Manuel Chavinha e Jerónimo Carrico.

Qualquer deles já habituado a enfrentar o público, que muito aprecia as suas vozes e os

seus estilos, mas aos quais nunca foi dada a oportunidade de aferir os respectivos potenciais perante amadores de outras origens e de outras escolas. De facto, vai ser extremamente curioso verificar até que ponto os intérpretes das nossas canções podem competir com os de outras representações étnicas. Que valor artístico vai o juri atribuir aos dotados italianos, para quem a canção é desde a nascença a segunda vocação? E que lugar estará destinado à representante do nosso irmão Brasil? E quanto aos alemães, à gentil marroquina e à linda amadora de Israel? Enfim, toda uma

série de dúvidas que só encontrarão resposta no dia 8 de Fevereiro, perante uma massa de espectadores interessados em espectáculos bem condimentados.

Está já assente a colaboração profissional que vai actuar no Festival: as vedetas de Rádio e TV Denise Brousseau e Miss Laval e o conjunto musical de Guy Levesque. Haverá ainda o atractivo de vários grupos presentes como acompanhantes de alguns concorrentes.

Quanto a bilhetes... o que não é ainda problema poderá vir ainda a sê-lo, apesar dos 1.307 lugares disponíveis na espaçosa Sala do Plateau Hall, onde o Festi-

val vai decorrer. Todos os grupos étnicos requisitaram os seus lugares, com destaque para a apresentação alemã, o que reduziu grandemente as disponibilidades de bilhetes. Não há, todavia, motivo para alarme, pois cada interessado está ainda a tempo de assegurar o seu lugar numerado na imensa sala, adquirindo os bilhetes na Moya Firma, 3762 St. Lawrence Blvd., telefone 845-0317, Lar Português, 3698 St. Lawrence Blvd., telefone 845-0347, Barbearia Central, 118 Pine Ave., este, telefone 845-0717 e Lisbonne Travel Agency, 4382 St. Lawrence Blvd., telefone 849-8595.



MISS PORTUGAL-CANADA

Título ganho em Toronto por Virgínia Marques, de Montreal, no último domingo. (Ver reportagem na página 12).

"Batalha pelo trono" espanhol

MADRID, 19 — (Por Pierre Brisard, da F. P.) — Está lançada a «batalha do trono» entre o conde de Barcelona e seu filho Juan Carlos, que na semana passada se declarou disposto a aceitar a sucessão do generalíssimo Franco, na qualidade de herdeiro da coroa. A reacção do conde de Barcelona demorou alguns dias: ultimamente pediu aos 90 membros do seu conselho privado que lhe comuniquem, «francamente, o seu parecer acerca da situação criada em torno da legitimidade dinástica e do princípio sucessório».

O conde de Barcelona está a lutar contra a corrente, pensam os observadores políticos da capital espanhola. Com efeito, a sua disputa com o filho não passa de uma escaramuça integrada num conflito que será, afinal, resolvido por um terceiro: o generalíssimo, que até agora não se pronunciou.

Mas, quando o fizer, não será certamente a favor de Don Juan de Bourbon.

A publicação, na sexta-feira, das cartas que o conde dirigiu agora ao presidente do conselho privado, José Maria Peman, e em 12 de Outubro ao seu filho, levantaram todas as dúvidas que os observadores ainda po-

diam ter: trata-se de facto de uma ruptura entre pai e filho.

Na sua carta o conde confirma que não foi consultado acerca da entrevista que o filho concedeu à agência «Efe», tendo tomado conhecimento das suas declarações pelos jornais, «como os outros espanhóis». Igualmente reafirma a sua qualidade de chefe da dinastia espanhola, «de que possuo por mandado hereditário a direcção suprema e a responsabilidade».

A carta de 12 de Outubro mostra que, já nessa altura, o príncipe Juan Carlos considerava a possibilidade de suceder a Franco, pois o pai previne-o contra «manobras insidiosas» e adverte-o de que «um rei marcado desde o início por uma irregularidade dinástica será inevitavelmente considerado como desleal e infiel».

Os apoios de que o conde dispõe são sólidos, dentro do Partido Monárquico e do conselho privado: dos 90 membros deste conselho apenas 20 estão a favor do príncipe das Astúrias. Nomeadamente os monárquicos catalães e os carlistas unificados apoiam firmemente o exilado do Estoril.

No entanto, numerosos observadores pensam que a maioria dos partidários do conde embora fiéis consideram as suas possibilidades como escassas ou quase inexistentes, accitando abandoná-lo se a balança se inclinar para o lado do filho.

DE GAULLE ERROU

— DECLARA O GENERAL DAYAN SOBRE O EMBARGO FRANCÊS

TEL-AVIV, 19. — (F. P.) — «O presidente de Gaulle cometeu um erro julgando que Israel capitularia devido ao embargo. Isso não aconteceu e não acontecerá» — declarou o general Moshe Dayan, ministro israelita da Defesa, dirigindo-se aos representantes das comunidades judaicas dos Estados Unidos e da França, actualmente de visita a Israel.

«Depois da sua decisão de embargo total, a França tem agora menos possibilidades de servir de medianeira no conflito israelo-árabe», acrescentou o general Dayan.

«Apesar do embargo» — continuou — «estou certo de que as relações entre os povos francês e israelita continuarão a ser amigáveis e que não haverá crise nessas relações».

REJEIÇÃO DE INTERFERÊNCIAS ESTRANHAS

JERUSALÉM, 19. — (A. N. I.) — «O destino e o futuro desta região, só poderão ser decididos pelos povos que a habitam e não por potências estrangeiras, que, quando muito, apenas têm um interesse marginal na região» — afirmou, em conferência de Imprensa, o ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, ao declarar que Israel rejeita a proposta francesa para uma diligência conjunta das quatro grandes potências com o fim de solucionar o conflito israelo-árabe.

«Em vez de gastarem tempo e energias em deliberações restritas» — prosseguiu Eban — «as duas grandes potências (Estados Unidos e União Soviética) deviam tentar que os países da região se reunis-

sem para negociar directamente a paz.

«Nenhum plano de paz poderá ter êxito, se ignorar este facto: a guerra de Junho de 1967 foi provocada pela agressão árabe a Israel e nenhum projecto poderá lograr uma paz estável e duradoura para esta região, se não se basear num acordo entre os países directamente interessados.»

ARMAMENTO NUCLEAR

LONDRES, 19. — (F. P.) — «Os progressos de Israel em matéria de armamento nuclear parecem ter tido um efeito catalizador na precipitação quase frenética com que a França decidiu embargar os fornecimentos militares a Israel e propor a convocação de uma conferência dos «quatro grandes» — escreve hoje o conservador «Sunday Telegraph».

MULTIPLIQUE AS SUAS VENDAS ANUNCIE EM



noticiario de PORTUGAL



ECOS DE PORTUGAL?

SIM, EXTRACTOS DA NOSSA LINGUA E SONS DA NOSSA MUSICA.

ESCUTE UMA PRESENÇA PORTUGUESA EM MONTREAL!

OIÇA



ECOS DE PORTUGAL

P. O. Box 10 - Station "G" Montreal
Telef. 845-5564

VOZ DE PORTUGAL

The First Weekly Newspaper for the Portuguese Community in Canada

Published by

"Voz de Portugal Co."

P. O. Box 9 - Station "G" Montreal 131, P.Q., Canada
Tel. 288-4804

Armando Barqueiro

Director & Editor

José Simões

Art-Director

José M. Freitas

Associate Art-Director

Eduardo Fernandes

Advertising Manager

Conselho de Administração:

Carlos de Sousa

Manuel Mota

Américo dos Santos

Pompeu Setas

Representative in Toronto:

Luis F. Cardoso

180 Borden St., Toronto 4, Ont.
Tel. 533-0344

Representative in Winnipeg:

Lydia Calisto Sequeira

646 William Ave., Winnipeg 2
Manitoba - Tel. 775-1120

Representative in Lisbon:

Maria Fernanda Freitas

Rua Edith Cavel, 19, 2.º - Esq.

Preço de assinatura:

{Pagamento adiantado}

Um ano (one year), \$4.00

Authorized as Second Class Mail at Post Office Department, Ottawa, Ont.

for payment of postage in cash

Post Master's attention: Please send all notices of change of address, etc., to

"VOZ DE PORTUGAL Co"

P. O. BOX 9 - STATION "G" MONTREAL 131, P.Q., CANADA

Onde se brinca no lixo despejado em terra alheia

Entre Morelino e Nafarros, nas imediações de Sintra, começou a formar-se há tempos uma montureira onde a gente miúda faz quartel-general para toda a espécie de jogos. É perto duma escola primária, e a nomalias como esta (adiante apontaremos outras) merecem as críticas da população.

— Com as últimas chuvas a situação melhorou, mas quando vem o sol ninguém nos libra daquele fedor — ouvimos dizer a um morador das redondezas. — Até próximo da conduta de água que dá para o chafariz de Nafarros despejaram cinco camionetas de lixo!

As camionetas, segundo outra informação, pertenciam à Câmara Municipal de Sintra. Por vezes há quem tente demover o pessoal encarregado do despejo. Trabalho baldado.

— Quase nos insultam. Dizem que têm ordens, e pronto.

Mais adiante, na Zibreira, os caseiros duma quinta particular queixam-se de que vários carros-cisternas dos Serviços Municipalizados, empregues no esvaziamento de fossas, despejaram ali a sua carga durante o Verão.

Como se tudo isto fosse pouco, aconteceu há tempos ter sido descarregado um carro-cisterna na estrada para o Mucifal aos Quatro Caminhos, próximo duma serração — e a poucos metros de determinada bo-

ca de água de abastecimento público. Alguém pôde explicar porquê?

«Olha um galo!»

Dezenas de miúdos frequentam a montureira já referida. Aquilo é um tesouro. Aquilo é um tesouro: tem sapatos velhos, latas, farrapos, caixotes. Quando lá estivemos acabava de ser descoberto...

— um galo!

Digamos: os restos meio putrefactos dum galo. Tanto bastou para a mudança inventar com aquilo uma bola, que foi jogada hábilmente de pé em pé.

Entre Monte Santos e a Ribeira, na estrada da Praia das Maças, há outra nítrea improvisada. Ai é

Condenado por matar um peão

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, — No tribunal desta vila, foi julgado ontem Desidério Salvador Martins, de 30 anos, solteiro, que em Julho do ano passado, atropelou com a sua motorizada, na Junqueira, onde ambos residiam, Hugo Miguel Salvador, de 66 anos, casado, que veio a falecer pouco depois.

O juiz condenou o réu a quatro meses de prisão, quatro meses de multa a 20 escudos por dia e inibição de conduzir por um ano.

O advogado do réu, sr. dr. Eduardo Viegas Mansinho, recorreu da sentença.

O tempo e as culturas

Segundo o «Boletim Meteorológico para a Agricultura», as hortas, nabais e lameiros encontram-se em estado satisfatório.

O tempo favoreceu, em geral, a execução dos trabalhos agrícolas próprios da época. Porém as geadas atrasaram o

desenvolvimento vegetativo dos pastos espontâneos e prejudicaram os pomares de citrinos.

Fizeram-se cavas, adubações, sementeiras, apanha de azeltona e bobota, cortes de matos, tratamentos anticriptogâmicos, etc.

Angola e Moçambique poderão produzir carnes verdes para os países do Mercado Comum

BEIRA (Moçambique). — (L.) — «Com as possibilidades que se antevêm, Moçambique e Angola poderão tornar-se duas parcelas importantes no Mundo, porque a produção em grande escala de carne implicará que noutros sectores se verifique ainda mais progresso» — declarou ao «Notícias», jornal que se publica nesta cidade, o prof. dr. Philip Lamour, consultor económico da O.N.U., que visitou Angola e Moçambique, para estudar as possibilidades dos dois territórios como abastecedores de carnes verdes para os países

do Mercado Comum. Depois de esclarecer que a sua visita se relacionava com a necessidade de detectar espaços livres para a produção de carne, e de acentuar que as suas impressões sobre as duas províncias portuguesas são deveras satisfatórias, o visitante acrescentou: «Em Moçambique e em Angola, aliás como acontece em grande parte da África Austral, existem ainda vastas regiões livres e de fácil acesso, o que é de importância primordial para a produção de carnes».

MEDIDAS GOVERNAMENTAIS SOBRE A INDÚSTRIA TÊXTIL ALGODOEIRA

NA SEDE do Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, realizou-se no dia 14, uma prolongada reunião conjunta do Conselho Geral e da Direcção daquele organismo, na qual foram pormenorizadamente apreciados e estudados os problemas relacionados com o despacho conjunto dos ministros das Finanças e da Economia e com o decreto-lei emanado do Mi-

nisterio das Finanças, diplomas estes já publicados na imprensa diária e que estabelecem medidas acerca da situação da indústria têxtil algodoeira.

Dada a extrema importância dos assuntos em causa, dignaram-se assistir àquela reunião o senhor presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto de Sá Viana Rebelo, e o senhor Albino Car-

neiro, presidente da Comissão de Estudo da Indústria Têxtil, nomeada pelo Governo e que funcionou desde 31 de Julho de 1967 a 30 de Abril de 1968, entidades estas que acompanhadas pelo secretário-geral daquela Corporação, dr. Henrique Sequeira, se deslocaram propositadamente a esta cidade para tomarem parte na referida sessão de trabalho.

JULGADO EM SANTA CLARA O RECURSO DO MILICIANO CONDENADO POR MATAR O FILHO

No dia 30 de Novembro do ano passado, o Tribunal Militar Territorial do Porto condenava a 9 anos e 10 dias de prisão maior o primeiro-cabo miliciano Carlos Manuel Ataíde Coelho da Rocha por ter causado a morte a um filho de tenra idade.

No Supremo Tribunal de Justiça Militar, em Santa Clara, foi julgado o recurso interposto pelo condenado.

Presidiu à audiência o general da Força Aérea Carlos da Costa Macedo, sendo relator o juiz desembargador dr. Mougá Rodrigues. Inter-

veio no julgamento, como promotor de Justiça, o coronel de artilharia Enes Brandão.

A mulher do réu, que se constituiu assistente no processo, esteve representada pelo dr. Luís Veiga, conhecido advogado portuense. Da defesa do cabo miliciano encarregou-se a advogada dr.ª Alcina de Vasconcelos, também do Porto.

Nas audiências do julgamento efectuado no Porto ficou demonstrado que o casal se não dava bem. «Não estava preparado para a vida conjugal» — como então se disse.

Carlos da Rocha, temperamental, nunca se deu bem com aquela que veio a ser

a mãe do seu filho. Ela tinha, por vezes, reacções que exacerbavam o temperamento do marido. No decurso de uma das audiências no Tribunal Militar Territorial do Porto contou-se que «visitando o réu com a mulher um casal amigo tinha oito filhos, aquilo manifestou o desejo de ter muitos filhos, no que foi contrariado pela mulher, que lhe disse que o que ti vera viera por acaso».

O cabo miliciano, certo dia, vendo o filho agitado ter-lhe-lhe dado um comprimido de um sedativo que utilizava com regularidade — e a criança teria morrido. Este foi um dos argumentos da defesa, além do mau ambiente familiar.



P. O. BOX 9 — STATION "G" MONTREAL 18, P.Q., CANADA

SEMANARIO DA FAMILIA PORTUGUESA

CUPÃO DE ASSINATURA

(PREENCHA-O E ENVIE-O COM \$4.00)

Nome

Rua

Cidade Província

Sou assinante novo Desejo receber a oferta

Sou assinante antigo N.º

OFERTA AOS ASSINANTES

No momento que se inscreve como assinante, ou que líquida a sua assinatura, não se esqueça, caro leitor, da excelente oferta que lhe destinamos:

— Uma elegante carteira, com bloco e lápis, com a gravação "Voz de Portugal" a ouro.

Junte o útil ao agradável!

Sapataria UNIVERSAL Shoe Store

4001 ST. LAWRENCE BOULEVARD
Telefone 842-4527 — MONTREAL

Nova Sapataria para calçar os portugueses.
Sapatos para Senhora, Homem e Criança.
Serviço de reparações por técnico competente.

Não calce mal... Vá à "UNIVERSAL"!



IGNORÂNCIA — A PRAGA TERRÍVEL

Os professores primários, tão abandonados desde sempre, tão esquecidos, tão sacrificados, e tão profundamente dedicados à sua profissão, apesar de tudo isso, agradeceram ao Governo as melhorias recentemente concedidas. Fez-se justiça total, reconhecendo-se, com exactidão, a importância da classe na sociedade portuguesa? Estamos em crer que se fez quanto, nas presentes circunstâncias foi possível fazer, isto no que se refere a aumento de vencimentos, pois que, nos aspectos morais, só merece concordância — mais que concordância: aplauso — a subida de duas letras na escala do funcionalismo público. Esta última decisão enche de prestígio a classe e permite-lhe alimentar esperanças na futura, ainda que distante, Reforma Administrativa. Ora acontece que de prestígio e de esperança também se vive, ambos são, até, essenciais à vida. Se não foi dado à classe tudo o que esperava, nas palavras de um professor, proferidas durante a cerimónia no Ministério da Educação, as providências tomadas estimulam os professores primários a prosseguir na sua tarefa, obrigados pela natureza do seu mister e pelo sentimento de gratidão que os liga, desde agora, ao sr. Presidente do Ministério.

Cumpriu o Governo sua promessa pública. Cumprirá o professorado, pelo sentido de dever profissional, que nunca o abandonou, «subida de produtividade do seu trabalho» — crescendo, por conseguinte, o ren-

dimento de cada trabalhador. Trabalhador-professor. Todavia, este rendimento não será, nem deverá ser nunca, em quantidade, mas em qualidade. Se em certas indústrias, para seu êxito, tem que existir total equilíbrio na quantidade produzida e na qualidade do que se produz, no trabalho intelectual haverá que, essencialmente, atender à qualidade. Um médico não pode bem tratar cinquenta doentes numa hora, assim como um professor não pode bem ensinar, simultaneamente, a cem alunos. A gravidade do caso aumenta, tratando-se, como é o caso, de ensino primário.

Consciente de suas responsabilidades, na qualidade do ensino insiste o professor — e justificadamente. Nessa qualidade se incluirá a sua própria valorização, o seu conhecimento e adaptação aos mais modernos e aconselháveis processos de educar. Em vários distritos do País, incluindo Lisboa, têm-se realizados cursos de actualização de notável valor pedagógico. Que outros se sigam para que a qualidade do ensino primário aumente mais ainda são os desejos saudáveis de todos nós e, em especial, dos professores primários.

Muito exactas foram as palavras do dr. José Gomes Branco, director-geral do Ensino Primário, antigo profissional de Imprensa pronunciadas no começo da cerimónia. Ele assegurou ao terminar o seu discurso:

«As melhorias agora conce-

didadas aos que servem o Ensino Primário custam larga soma à Nação. Não é que o Ensino Primário seja caro: custa muito, por dizer respeito a grandes números. Mais do que esse ensino custaria, porém, a ignorância que ele evita.»

O Ensino Primário evita a ignorância. E a ignorância é a maior praga que pode assolar uma nação. Como seria grato ouvir estas palavras a tantos sempre pobres e sempre ignorados professores, que a morte

já levou e que tão apaixonadamente ensinaram nossas gerações vivas. De um, que pode tomar-se como símbolo de honestidade e de amor profissional nos lembramos, no correr da pena. Por simpatia e por muito respeito davam-lhe o nome de Mestre Neves. Quando Leonardo Coimbra, se não erra nossa memória, criou as Escolas Primárias Superiores, notável mas gorada iniciativa, passou Mestre Neves para elas, e foi director da Escola Primária Superior de Sintra.

UM CASTELO EM PORTUGAL

«Todos os portugueses têm castelos em Portugal», foi uma frase que um dia escutei a um beirão que o desejo de uma vida melhor levava até Paris. Era (creio que ainda é) um dos raros emigrantes que conseguiram não se sujeitar às condições infra-humanas em que compatriotas nossos vivem nos «bidonvilles», embora isso lhe custasse

não ter um tostão ameaçado. Homem de quase 50 anos, vivendo sem dificuldades, o seu desejo era voltar à terra que deixara. «Malgré tout», dizia ele: apesar do bom ordenado, apesar dos filhos que já viviam quase «à francesa». E isso passa-se com um homem que vive bem (bom ordenado, «vacanças» sem trabalhar num biscate, segu-

rança para os dias de desfortuna), quanto mais com os deserdados da sorte. Quantos não voltariam se a ponte levadiça do castelo fosse baixada e se lá (cá) dentro houvesse aposentos preparados? Cada português teria, então, verdadeiramente, o seu «castelo» em Portugal. Quem baixa a ponte levadiço?

S. P.

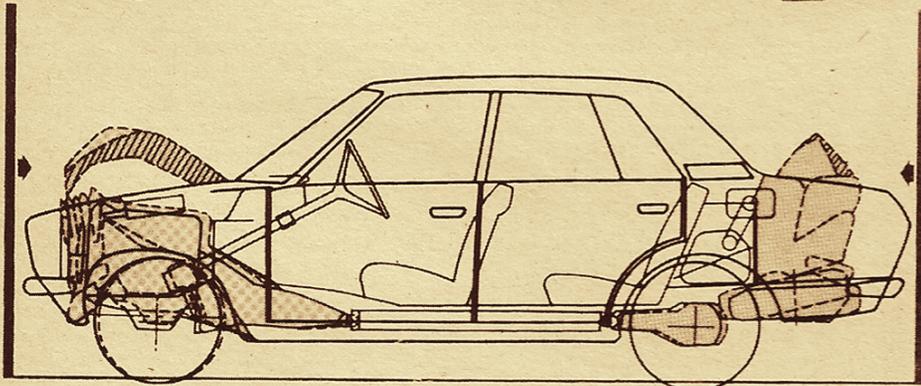
CAIXA DE ECONOMIA DOS PORTUGUESES

Depois da oficialização desta iniciativa dos portugueses de Montreal, a qual teve lugar na data prevista e na presença dos representantes da Federação das Caixas de Economia, vai ter lugar no próximo dia 5 de Fevereiro, também na Settlement University, 3553 da rua de Saint Urbain, pelas 8 horas da noite, a sessão de início do funcionamento dos serviços de tal organismo económico.

Esperamos que a nossa Comunidade esteja a assistir ao acto em largo número.

Já comprou o seu bilhete ?

DROIT BB 1	AUDITORIUM du PLATEAU 3710 CALIXA-LAVALLÉE  ETHNIC FESTIVAL of the SONG Festival Etnico da Canção FESTIVAL ETHNIQUE DE LA CHANSON Samedi en soirée à 8:30 Orchestre \$3.00 8 FEV. - 69 TAX INCLUDED - TAXE INCLUSE	DROIT BB 1 ORCHESTRA Auditorium Le Plateau GOOD ONLY FEB. 8 Saturday Eve. - 8:30 LEBLANC - BILLET
-------------------------	--	--



Prova positiva que o sistema de segurança do DATSUN 1600 trabalha. O diagrama inferior é representação da frente e da secção trazeira sob impacto. O motor descai em vez de entrar no compartimento do passageiro. O tanque da gasolina está localizado muito à frente do ponto de choque. A fotografia superior prova que está correcto. Este DATSUN 1600 estava num cruzamento quando foi apanhado de trás por um camião de 11 toneladas. O choque atirou o carro contra um camião de 8 toneladas. O compartimento de passageiros ficou intacto e o motorista saiu do acidente com pequenas beliscaduras.

POMBALENSE SUPER MEAT MARKET

(prop.: ANTONIO NOIVO & MIGUEL BARARDO)
 115 a 121 RACHEL ESTE — Telefone 849-1803
 (Esquina de Bullion)
 130 ROY (Esquina de Bullion) — Tel. 844-8012



- FRUTAS, LEGUMES e as mais finas MERCEARIAS.
- CONSERVAS e ENLATADOS.
- PRESUNTO e SALPICÃO tipo Chaves.
- LEITÃO A' BAIRRADA e o delicioso FRANGO NO ESPETO.

Aventurando-se por mar desconhecido

JA tinham dobrado o cabo da Boa Esperança. Sigrando por aquelas águas desertas, atingiram uma pequena baía que não era desconhecida dos Portugueses. Bartolomeu Dias, que ali estivera dez anos antes e matara um indígena a tiro de besta, para conter uma turba de bosquimanos hostis, baptizara-a com o nome de angra de S. Brás. Uma multidão de homenzinhos pardos parecidos com os de Santa Helena surgiu, mal os navios fundearam.

Não se mostravam receosos nem surpreendidos. Dir-se-iam apenas cheios de curiosidade, enquanto Vasco da Gama e alguns marinheiros se dirigiam à praia, num batel. De prudente distância, o capitão atirou-lhes contas de vidro e barretes encarnados como os que os marujos usavam a bordo. As prendas agradavam-lhes e chegaram a receber algumas de mão para mão.

Criou-se um ambiente amistoso. Vasco da Gama mandou tocar as trombetas, e os indígenas, satisfeitos, tocaram as suas flautas e dançaram, «como negros», observou Alvaro Veloso no seu Roteiro. E os marinheiros e o próprio capitão também dançaram com entusiasmo.

No dia seguinte, um domingo, tornou a haver música e baile. Os bosquimanos apresen-

taram-se com mulheres e filhos e trouxeram manadas de bois e vacas tão mansos que as mulheres utilizavam alguns como palafreiros. Mas não quiseram trocar os animais por braceletes de estanho e outras bugigangas; pareciam desconfiados. Teriam suspeitado de feitiço ou coisa semelhante, ao verem os portugueses fazer aguada. Martim Afonso, apesar de nada perceber do idioma daquele povo, julgou compreender que os bosquimanos perguntavam, alarmados:

— Por que levais a nossa água?

Levando as mulheres, os filhos e o gado, sumiram-se nas profundezas da floresta, e os marinheiros viram jovens deitados entre o mato e de armas em punho. Então, de outra vez que os seus homens desembarcaram, Gama mandou retirar todos os portugueses para bordo e dali deu ordem para se dispararem dois tiros de bombardas. Colhidos de surpresa, os indígenas fugiram, apavorados, ao ouvir aqueles trovões provocados pelos desconhecidos, que certamente tomaram por feitiço de grande poder.

Depois de puxar fogo ao velho navio de mantimentos, que não servia agora senão de estorvo, e de plantarem um padrão ao lado de uma cruz erguida num alto mastro, largaram da baía de São Brás a 6 de Dezembro desse ano de 1497.

Quando se afastavam, ainda puderam ver os homenzinhos pardos correrem a destruir aqueles dois sinais dos primeiros contactos da Europa com os primitivos povos bosquimanos.

Formada agora só pelas naus São Gabriel e São Rafael e pela caravela Berrio, a frota foi pouco depois colhida por um impetuoso tufão que a impeliu para longe da costa africana. Passada a tempestade, voltaram a aproximar-se do continente e visitaram os ilhéus Chãos, onde encontraram o último padrão que Bartolomeu Dias ergueu em terras de África e visitaram também o rio do Infante, o ponto onde ele iniciou a viagem de regresso. A bem dizer, o descobrimento principiava daí para diante.

Lutando contra correntes e ventos muito fortes, verificaram, ao cabo de três dias de árduos esforços, que, em vez de avançarem, tinham retrocedido setenta léguas. Mas, por fim, um vento mais poderoso e propício levou-os, no dia de Natal, à vista de uma costa bonita, voando em águas muito ricas de peixe, do qual se abasteceram com abundância, continuando a sua rota. E aquela região ficou conhecida pelo nome de Natal, que ainda hoje conserva.

Navegavam durante muitos dias por águas desconhecidas, rumo nordeste, na esperança de encontrarem indícios da Índia que buscavam. Já seis se-

manas tinham decorrido, desde que partiram das cercanias do cabo, e nem sequer uma vela surgira no horizonte deserto. Não sabiam bem onde se encontravam. O pior era que, devido ao tufão, as barricas de água potável, entrecrocando-se, danificaram-se e vertiam o precioso líquido. Reduzira-se a ração a um quartilho por cabeça. O calor e as salmouras provocavam uma sede horrível. Se em breve não aportassem algures, a tripulação arriscava-se a perecer na pior das torturas.

Lançaram ferro ao largo de uma costa, diante de um pequeno rio. Logo uma densa multidão de homens e mulheres se aglomerou na praia. Os portugueses, ao desembarcar, notaram que estavam perante uma raça muito diferente da dos Bosquimanos. Eram homens altos, robustos e negros retintos. Usavam grandes arcos e dardos de ferro e traziam à cinta punhais em bainhas de marfim. Em suas cabeças crespas rebrihavam adornos de cobre. Percebia-se ali um esboço de civilização.

O capitão mandou Martim Afonso, o intérprete que vivera no Congo, apresentar cumprimentos e levar presentes ao soba, que se encontrava rodeado da sua gente, que olhava os estrangeiros sem receio nem espanto. Não se sabe como o intérprete se entendeu com o chefe indígena, mas o presente encantou o soba. Tratava-se de umas calças encarnadas, um gibão e um dos tais barretes que haviam de encantar todos os povos do Oriente durante um século.

do interior dois homens que, pela dignidade do seu porte, mereceram dos portugueses a qualificação de «fidalgos». Envolviam-se em tangas mais amplas, um deles cobria a cabeça com um turbante orlado de seda e outro com um barrete de cetim verde. Muito altivos, receberam com indiferença as ninharias que o capitão lhes ofereceu. Mas as pessoas do seu séquito eram mais sociáveis, e um rapaz, conforme pôde, deu a entender a Gama que, na sua terra, muito longe, também já vira grandes navios como aqueles.

Os «fidalgos» eram simples negociantes. Na praia, armaram umas cabanas de ramagens e, depois de venderem panos de origem mourisca durante uma semana, no mesmo ar indiferente, tomaram os barcos em que tinham vindo e sumiram-se, rio acima.

Ali se demoraram os portugueses durante uns dias, a recompor-se dos estragos que a fadiga da longa viagem e o escorbuço iam fazendo entre a tripulação. Alguns ficaram sepultados naquela terra. Por aqueles escassos indícios do Oriente que ali encontraram, os portugueses deram àquele rio — o Quelimane dos nossos dias — o nome de Bens Sinais.

Depois de limparem e calafetarem os navios e de recuperarem forças, partiram a 24 de Fevereiro de 1498. A 2 de Março surgiu a frota à vista de um pequeno arquipélago que se encontrava dentro de uma vasta baía. A Berrio, caravela mais ligeira, seguia na vanguarda, a sondar cautelosamente o caminho. Ao evitarem um baixio em que iam encailhando, Nicolau Coelho e a sua gente avistaram

Por MÁRIO DOMINGUES

de chofer alguma coisa que os ia deixando sem fala: um navio! Um, não. Sete, que foram aparecendo sucessivamente a sotavento da praia. Eram embarcações árabes.

— Mouros! — foi a exclamação de alegria que bruscamente se soltou do peito daqueles portugueses.

Seu contentamento foi tão grande como se avistassem barcos lusitanos. E que «mouros», naquelas paragens, confirmavam que se estava bem no tão desejado caminho da Índia.

O CEGO DESCOBRIU O LADRÃO

BARCELONA, — Juan Giralt, um cego que vende lotaria pela cidade, descobriu e deteve hoje um indivíduo que tentava «passar a dinheiro falso».

Recentemente, Giralt vendeu várias fracções de lotaria a um indivíduo, que lhe pagou com uma nota de cem pesetas. No entanto, quando chegou a casa, sua mulher disse-lhe que a nota que tinha recebido era de 1925 e já não estava em circulação.

Giralt furou a si próprio que não se deixaria enganar outra vez e tacteou repetidamente a nota falsa, até ser capaz de a distinguir facilmente das notas verdadeiras.

Hoje, o mesmo indivíduo, cuja identidade ainda não foi revelada, aproximou-se de Giralt, comprou-lhe bilhetes da lotaria e pagou-lhe com uma nota igual à outra. O cego não hesitou em o agarrar por um braço e o lançar ao chão, dominando-o até à chegada de um polícia, que levou o falsário para a esquadra. — (ANI).



RÁPIDO
NÃO TÃO RÁPIDO COMO A LUZ
MAS RÁPIDO
ATRAVÉS
DO
SEU BANCO
EM PORTUGAL
O SERVIÇO DE

transferências

(de casa a casa)

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Radiante, o soba envergou logo aquelas estranhas peças de vestuário e, seguido de Martim Afonso, percorreu a aldeia, a mostrá-las aos seus súbditos, que batiam palmas de entusiasmo. Ofereceu de comer a Martim Afonso e a um companheiro deste e instalou-os numa cubata onde pernoitaram confortavelmente. No dia imediato, enviou galinhas de presente ao capitão. O povo acolhedor admirou os navios e trocou cobre, abundante naquela região, por camisas de linho, tecido que muito apreciavam. Os portugueses puseram àquele local o nome de Terra de Boa Gente e Cobre ao rio que ali desaguava.

Mas como a frota era muito batida de mar, fez-se ao largo e, depois de uma semana de viagem, entraram na foz de outro rio, entre cortinas de espessa vegetação que se viam nos terrenos pantanosos das margens. Negros, resguardados por uma simples tanga em torno dos rins, tripulavam pequenos barcos que sulcavam as águas tranquilas. Sem receio nem estranheza, aproximaram-se dos navios portugueses e treparam ágilmente para bordo, a fim de exporem amostras de produtos da terra, como se aquele trato já fosse neles um hábito.

Os intérpretes não os entendiam. Só por sinais os indígenas conseguiram mostrar-se desejosos de relacionar-se amistosamente. Vasco da Gama deu-lhes os costumados presentes de bugigangas e barretes e eles quiseram dar as boas-vindas aos portugueses na sua própria aldeia. Homens só com uma tanga, mulheres com os lábios atravessados por adornos de estanho, cubatas, tudo ali era a África Negra, com a qual os Lusitanos já lidavam havia mais de meio século. O que os surpreendeu, porém, foi alguns mestiços de epiderme mais clara e feições regulares como as dos Árabes, que percebiam uma ou outra palavra de árabe. Chegava ali um eco remoto da cultura dos Muçulmanos.

Três dias decorridos, vieram

VALE (pelo menos) 1750 CONTOS o esboço de canção que o «beatle» Paul ofereceu ao seu colega Aníbal Cunha

Num gesto simpático de camaradagem, tão característico dos «Beatles», Paul McCartney vai transformar num milionário o músico português, seu jovem colega, Aníbal Cunha, a quem ofereceu um «rif» (frase musical) que vale, pelo menos, 25 mil libras — cerca de 1750 contos, na nossa moeda!



Aníbal Cunha

O caso passou-se assim: Paul, que se rendeu, definitivamente, aos encantos do Algarve, veio passar o Ano Novo à nossa acolhedora província meridional.

Uma noite inteira esteve McCartney a ouvir, com o maior agrado, o conjunto privativo do luxuoso Hotel do Golfe da Penina, dirigido pelo jovem Aníbal Cunha. E tanto apreciou o estilo do conjunto português que decidiu brindar o seu chefe com um esboço de canção, um tema musical, a que deu logo o nome de «Penina». Da concepção passou-se à execução e, para ajudar o conjunto a interpretar o «rif» oferecido, o próprio Paul marcou, batendo nos tambores, o ritmo da recém-nascida melodia, ao mesmo tempo que cantava a respectiva letra.

Como é do (grato) conhecimento dos accionistas da «Northern Songs» (as acções desta companhia são cotadas a 33 xelins cada), as composições de McCartney nunca, na pior das hipóteses, rendem menos do que 25 mil libras, o equivalente a 1750 contos. É, pois, esta enorme quantia que Aníbal Cunha vai provavelmente embolsar quando «Penina» começar a correr mundo, trepando nas classificações dos «top».

Este brinde muito especial de Paul McCartney a Aníbal Cunha não ocorrerá, porém, sem algum sobressalto em Inglaterra... Na realidade, se-

gundo o jornal londrino «Daily Express», os accionistas da «Northern Songs», antes de se apressarem a reunir uma assembleia extraordinária, para conhecerem a percentagem que lhes cabe na canção «Penina», deveriam ponderar a opinião de Derek Taylor, o sócio de Paul na firma «Apple», que constitui a cúpula do império económico dos «Beatles».

Taylor disse ao «Daily Express»:

— É claro que Paul tem obrigações em relação aos seus colegas de direcção e aos accionistas. O triste facto é que ele está metido no mundo dos negócios.

Taylor acrescentou:

— Mas o que ele ofereceu ao chefe do conjunto não foi uma canção completa. Foi antes um motivo («rif»).

No mundo comercial dos discos, «rif» é, como dissemos, o nome por que é conhecida uma frase musical, repetida ritmicamente ao longo da canção.

Acontece, até, que os accionistas da «Northern Songs» beneficiam, actualmente, de um «rif», «Ob-La-Di, Ob-La-Da», que John Lennon e Paul McCartney recolheram de outro artista, Jimmy Scott. A versão que os «Beatles» fizeram desta canção, intitulada «Marmelada», conseguiu ser um grande êxito.

— Paul fez bem — concluiu Taylor. — Muitas vezes, durante as viagens dos «Beatles», vêm-lhes pedir ajuda e conselho. É-lhes absolutamente impossível recusar.

«Musicalmente, é uma melodia muito simples»

Aníbal Cunha, que, como Paul, tem 26 anos, formou-se em Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes, de Lisboa, e dirige, desde há pouco tempo, o seu conjunto, a que deu o nome de «Jotta Herre».

Disse-nos, esta manhã, pelo telefone, a propósito da canção «Penina»:

— É, musicalmente, uma melodia muito simples, mas tem o ritmo inconfundível que os «Beatles» imprimem às suas composições. A letra, como todas as letras das canções de Paul, é verdadeira, vivida, inspirada na sua experiência real.

Aníbal Cunha, que toca viola e vibrofone no seu conjunto, declarou-nos, ainda, que já estabelecera, em Londres, os primeiros contactos indispensáveis para a próxima publicação de «Penina» em disco.

ABUNDÂNCIA DE SARDINHA NA LOTA DE SETÚBAL

• Mil e setecentos contos num só dia

SETÚBAL. — O forte vendaval que se tem feito sentir em toda a costa portuguesa forçou a paralisação, durante alguns dias, da frota da pesca da sardinha, facto que provocou justificação da apreensão, atendendo a que foi superiormente autorizado que o habitual período de «defeso» para a captura da sardinha só tenha início no dia 1 de Fevereiro. Logo que o tempo melhorou, as traineiras fizeram-se ao mar e os armadores e pescadores de Setúbal encontraram já compensação, pois, no dia de ontem, na lota da cidade, foram vendidos mil e setecentos contos de

sardinha, o que provocou natural satisfação, não só neste centro piscatório, como também em todo o litoral, por traduzir um sintoma bastante animador. A maior parte desta sardinha foi adquirida pela indústria conserveira.

Segundo notícias recebidas, a sardinha continuou a aparecer e já nas primeiras horas da manhã de hoje, tinha-se vendido sardinha, em Setúbal, no valor de algumas centenas de contos, esperando-se, ainda, a chegada de mais traineiras com apreciáveis quantidades de pescado.

VENDE-SE BARATA

MERCEARIA
COM LICENÇA DE CERVEJA

POR MOTIVO DE RETIRADA DO DONO.
PEQUENA ENTRADA E PAGAMENTOS SUAVES
DIRIGIR-SE A:
17 Prince Arthur East - MONTREAL

António Pereira

Comissário de Ajuramentação



AGENTE DE SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
(Detentor do Certificado Nacional de Competência)

Vida, Fogo, Roubo, Carro, Hipoteca, Salário e Doença — Seguro Comercial, Responsabilidade Civil e Patronal.

Residência: 271-8564 — Escritório: 389-3528 - ZURICH
C. P. 175 — STATION "G" — MONTREAL 18

BLUM'S DISCOUNT STORE, LTD.

(LOJA DE GRANDES DESCONTOS)
4109 ST. LAWRENCE BOULEVARD
Telefone 288-8722 MONTREAL, Que.
Especialidades Mediciniais, Cosméticos, Cartões de Felicitações, Máquinas Fotográficas, Canetas e Tabacos.
Revelação de filmes — Grande oferta em "Colgate", "Palmolive", "Pepsodent" e "Crest", com grandes descontos.
FALAMOS PORTUGUES

Merit Students Encyclopedia

DE LARGA PROJECCÃO MUNDIAL
Contacte o Representante:
Telefone 845-5300

DONKNER'S POULTRY



GALINHAS, vivas ou mortas e depenadas à vista do Cliente

MUDOU-SE para novo local
com as mais modernas instalações

1225 ST. DOMINIQUE - Tel. 861-8631 - Montreal

Os neonazis preparados para as eleições

SAARBRUECKEN (Alemanha Ocidental), 19 — (R.) — Adolf von Thadden, chefe do Partido Nacional-Democrático, neonazi, afirmou ontem que o seu partido está preparado para as eleições gerais que se realizam no próximo Outono.

Num comício realizado em Saarbruecken, von Thadden, que tem 46 anos, disse ter esperança em que o partido consiga obter entre oito a 13 por cento do total dos votos.

Um antigo funcionário do Ministério do Interior declarou também que o Governo de Bonn, embora

venha a lutar contra ele por meios políticos, não deve declarar ilegal o Partido Nacional-Democrático que, afirmou, tem como núcleo um grupo de velhos e novos nazis.

O ministro do Interior, Ernst Benda, recomendou o mês passado ao Governo que procure por fora da lei os nacionais-democratas através do tribunal constitucional de Karlsruhe.

No entanto, segundo disse ontem o antigo funcionário do Ministério, considerações de ordem política acabaram por levar Benda a mudar de opinião.

Empréstimo americano à Espanha

WASHINGTON, — (F. P.). — Os Estados Unidos concederam à Espanha uma série de créditos, totalizando 110 milhões de dólares, para a compra de dez novos aviões de transporte, de fabrico americano, destinados à companhia Ibérica. Esta comprará aos Estados Unidos três Boeing 747, quatro Douglas DC-8 e três Douglas DC-9, no valor total de 138,5 milhões de dólares, soma por conta da qual pagará a pronto 25,7 milhões de dólares.

SÓ PODEM ATIRAR «PARA MATAR»

WASHINGTON, — (A. N. I.) — Os agentes da Polícia de Washington só podem disparar as suas armas «para matar» — determinam os novos regulamentos ontem aprovados pelo conselho municipal, os quais proibem os tiros de aviso para o ar ou para perto de um suspeito.

O presidente do conselho municipal, John Hechinger, declarou que os agentes da autoridade, quando tiverem de fazer uso das armas, dispararão para matar, contra autores de assaltos a bancos ou a estabelecimentos comerciais, raptos e assassinos.

Escola de Condução

BRUNO



Preparação para a prova escrita ou verbal, com INSTRUTOR PORTUGUES

Chamar: 272-5779

26 Jean Talon Oeste — MONTREAL

FARMACIA ARENA

SAUL S. SINGER — Farmacêutico

85 AVENIDA MOUNT-ROYAL, Oeste
MONTREAL, Quebec
Telefone 844-1134
TESTE DE GRAVIDEZ — Resultados em 2 horas

Barbearia "MEDEIROS"

1623 ST. LAWRENCE — MONTREAL — Tel. 842-0575



A mais luxuosa Barbearia Portuguesa em Montreal

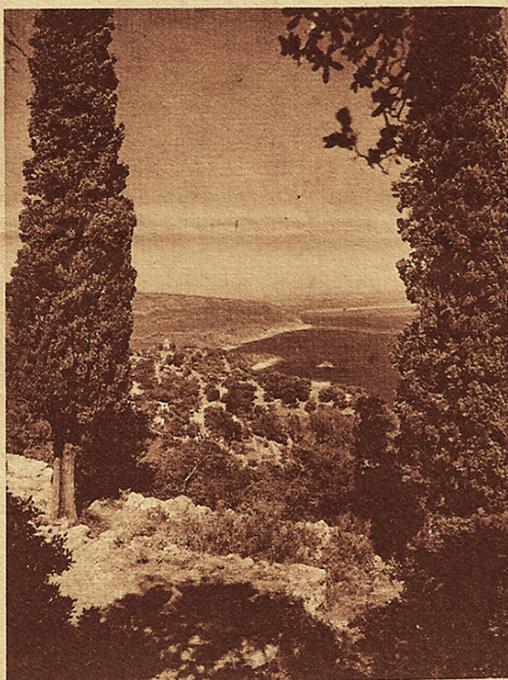
3 barbeiros portugueses especializados em cortes de cabelo à navalha e penteados modernos.

Para melhor servir a Colónia Portuguesa. (Situada próximo da esquina com a Rua Ontário).

BANCO
TOTTA-ALIANÇA
Rua do Ouro 69 a 79 — LISBOA
PORQUE NAO AUMENTA A SEGURANÇA DOS SEUS ENVIOS PARA PORTUGAL?
Experimente pedir no seu banco um cheque sobre o BANCO TOTTA-ALIANÇA. Não aceite desta vez o "money order" ou cheque sobre o banco canadiano. Proceda assim e terá todas as garantias em caso de extravio.
Sirva-se do BANCO TOTTA-ALIANÇA que lhe dá o melhor câmbio possível

Se desejar informações de Portugal, consulte a

CASA DE PORTUGAL NA AMÉRICA DO NORTE
Portuguese Information, Tourist and Trade Office
570 Fifth Avenue, New York N. Y. 10036
Phone: 581-2450
Para passagens e reservas, consulte o seu AGENTE DE VIAGENS



PORTINHO DA ARRABIDA.

APRIL IN PORTUGAL, Reg'd

Aprenda Francês ou Inglês em pouco tempo. Curso por meio de discos "Linguaphone". O processo mais prático. Distribuidor do Discos de Música Portuguesa para todo o Canadá, importados directamente de Portugal.
ENVIAM-SE ENCOMENDAS PELO CORREIO

Passagens Marítimas e Aéreas — Serviço de intérprete nos Tribunais — O mais antigo agente ao serviço da Colónia.

JOSE' M. GOMES 2032 HOTEL DE VILLE Ave. MONTREAL, Que
Tel. 844-6407 — 849-8591

AUTO IBÉRICA, L.DA

GARAGEM 100% PORTUGUESA

- MECANICA GERAL
- BATE-CHAPA
- TRANSMISSÕES AUTOMATICAS



SERVIÇO DE REBOQUE 24 HORAS POR DIA

5314 ST. DOMINIQUE, entre Maguire e Et. Viateur
TELEFONES 271-6456 e 844-5776

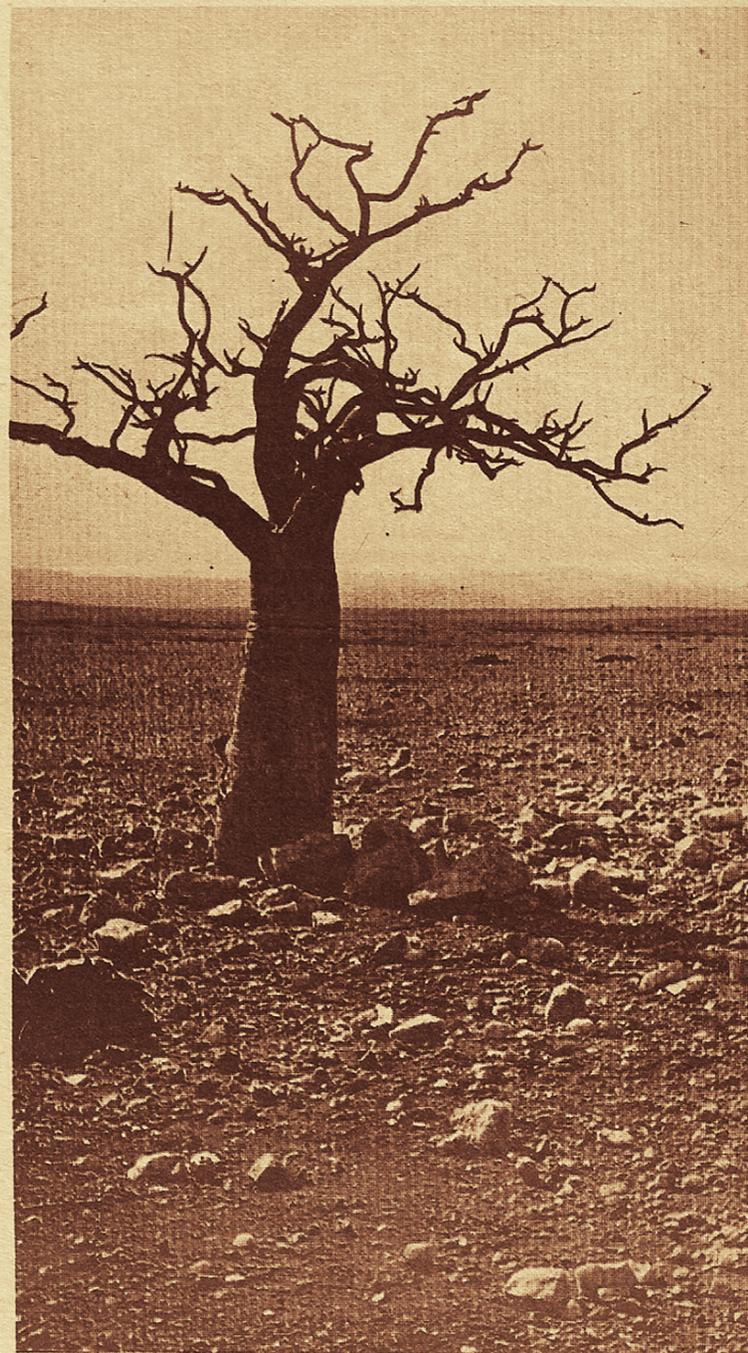
ANGOLA: SAFARI NO DESE

É ainda escuro. Pelas escadas do «Hotel Moçâmedes» mergulhado em silêncio, arrasto o estojo da minha máquina fotográfica e o estranho sortido de caixotes de madeira e sacos de papel cheios de provisões. À porta, o meu guia espera-me, sentado no «land-rover». Metemos tudo no carro, incluindo a minha adorada papaia (fruto de Cabo Verde) que carinhosamente embrulhei numa camisa para não chegar esborrachada a Espinheira. Estou a «bater o dente» dentro dos «blue jeans» e sinto-me feliz por poder finalmente, após cinco meses, dar uso à única camisola que trouxe para Africa. Mas continuo a tremer de frio e de repente desejo o calor seco de fornalha que me aguarda no deserto de Moçâmedes. Mais uma paragem para carregar provisões, desta vez comida feita pelo sr. Mário. Desconfio que é bacalhau. Muito sensatamente, comprei algumas conservas na noite anterior, porque o meu amor ao bacalhau termina antes de chegar aos pasteis. Partimos. Saímos da cidade de Moçâmedes e assim que enfiámos pela estrada pavimentada, macia e estreita, estamos no deserto. Já é dia. O «land-rover» vai avançando, os meus pés descongelam lentamente com o calor do motor. Sei que estamos no deserto porque vejo areia à beira da estrada. Não avisto muito mais, há um nevoeiro pesado a envolver-nos. Por vezes eleva-se, depois gira de novo à nossa volta, esfarrapando-se em nuvens cor-de-rosa. O sol deve ter rompido. De quando em vez uma rocha irrompe do nevoeiro, envolta num halo róseo. Percorremos cerca de 30 km, o que equivale a 60, viajando de modo confortável. A estrada pavimentada chegará ao fim e de novo teremos altos e baixos e aqueles abanões a que nem eu nem as minhas máquinas nos conseguimos ainda habituar. São nove horas. Exactamente como o sr. Mário previra, o nevoeiro desapareceu, deixando sobre as nossas cabeças esta abóbada de azul-claro e límpido. A temperatura sobe rapidamente. A camisola está agora a embrulhar duas das minhas máquinas, protegendo-as do pó que gira no ar, outra máquina salta sobre os meus joelhos, pronta a disparar. Há um bom bocado que deixámos a estrada de asfalto. O deserto é agora uma planície, salpicada aqui e ali de arbustos baixos, maciços montanhosos de ambos os lados, que tão depressa se aproximam como se afastam de nós, parecendo desolados e esquecidos, mas belos, com os seus cumes cónicos, de colorido insólito. Fotografo duas maravilhosas raposas Delalande pequeninas, correndo uma atrás da outra pela planura, as orelhas redondas espetadas, saltando os tufo de erva e finalmente desaparecendo atrás dum monte de pedras, onde eu as imagino, calmamente sentadas, conjecturando acerca do que andámos a fazer nos seus domínios.

As montanhas inclinam-se agora sobre nós, a contextura da rocha mudou. Parámos para eu tocar a rocha que parece madeira lascada. O velho carro percorre num louco ziguezague por entre as rochas, subindo sempre, até que, de súbito, um precipício se rasga à

nossa frente. Há «montanhas de madeira» de ambos os lados e eu não posso resistir à tentação de investigar o que nos rodeia. Começo por uma ponta, com as máquinas presas quase debaixo do queixo, arrepiando-me cada vez que fico pendurada nas arestas cortantes do que parece madeira, mas definitivamente não é.

agora diante de graça. Depois, são pernas de e nuas, voando, p o ar. Tenho estado to-me tão divertido ali à frente que a mem e falho a fotografia de mim; há



O embondeiro estende trágicamente os seus ramos sobre a planície de calcários de mármore

Que panorama surpreendente, quando, finalmente, chego ao cume! Nunca vi nada de semelhante! Onde quer que o meu olhar poise, a mesma desordem magnificente, rochedos, serrilhados, de cor verde-acinzentado, postos uns em cima dos outros, sem ordem, como se a natureza não tivesse ainda terminado o seu trabalho.

Percorrendo o abismo com o olhar, senti-me subitamente muito pequena e insignificante. A percepção de que naquele silêncio imenso e magnífico se encontravam apenas alguns milhões de toneladas de rocha, um «land-rover» e duas pessoas, chocou-me. O único som que se ouve é o motor do «land-rover» a trabalhar, e sinto-me feliz quando finalmente descemos a outra planície. Um pequeno bando de veados passa

conhece este deserto e já nada o emocionada — que fazem as avestruzes?

A fome começa no meu pequeno almoço e fico radiante ao ver o horizonte os «rondos» colmeia. O acampamento está por fim à vista africano, ouviu com o «ver» aproximar-se, exibindo um branco de orelha rava ninguém, e presença fá-lo ao estendendo lençóis para fazer camas. Antes dos brulhos das provisões a casa de banho.

ERTO DE IONA

...nós com elegância e
...do avestruzes em cor-
...t bailarina, compridas
...plumas que sacodem
...à espera delas e sin-
...da por as ter mesmo
...as minhas mãos tre-
...tografia. O sr. Mário
...i quarenta anos que

Sekulu informa-me que não há grandes esperanças quanto à água. O camião da água não veio — o poço está seco, mas ainda há água para um duche. Isto hoje, porque amanhã teremos que ir ao posto de Iona, (a cerca de 35 km de Espinheira), para arranjar água potável e tomar banho.

O meu estômago reclama. De acordo com o sr. Mário, decidimos deixar o duche para a noite e atacamos as caixas das provisões como falcões esfomeados. No rosto do sr. Mário estampa-se a decepção — nem cheiro de bacalhau — peixe frito, bifés, laranjas e um enorme saco cheio de pãezinhos. Continuaremos a gozar da companhia de sopa em pacotes, melões e papaia. O sr. Mário come peixe frito e bifés e eu «devoro» carne enlatada e um sem-número de pãezinhos com margarina e doce... e a imprescindível papaia. Estamos reconfortados e eu desejosa de continuar, mas o sr. Mário insiste em dormir a sesta. O calor atingiu o máximo. Tenho os braços nus, o pescoço e a cara vermelhos. Todas aquelas paragens e saídas no caminho, longe do abrigo do carro, deram-me este aspecto de lagosta cozida. Desisto de argumentar, sei que o sr. Mário está cheio de razão.

O meu «rondavel» é fresco, quer dizer, mais fresco que a fornalha lá de fora. Adormeci e só acordei quando o sr. Mário me bateu à porta.

As quatro horas partimos outra vez. Agora vou sentada na parte de trás do carro, podendo assim trabalhar em todas as direcções. O calor é ainda sufocante, um vento forte fustiga-nos agora. Está ainda quente, mas pelo menos temos a ilusão duma luz refrescante. Avançamos no deserto, com rochas avermelhadas por todo o lado. O solo é plano, salpicado aqui e ali de pequenas erupções rochosas. Muito devagar, a paisagem vai-se transformando num tapete macio e ondulado de cascalho, areia e erva. Um conjunto de longas hastes começa a desenhar-se por detrás duma colina. Vejo um bando de cerca de 30 antílopes, caminhando vagarosamente, numa perfeita fila indiana. Parámos. O silêncio é total, apenas se ouve o enterrar dos cascos na areia fofa. O disparar da máquina soa com enorme ressonância. Ao darem por nós, ou pela vista ou pelo cheiro, irrompem num galope desenfreado. Pelos dum bege claro com malhas negras no focinho, nas costas e nas pernas, músculos fortes que se encrepam na corrida. Fico-me a contemplá-los até desaparecerem lá ao longe, envolvidos em nuvens de areia.

Avançamos agora em terreno absolutamente liso como um oceano de cascalho. Nem uma única planta, nem uma «Weltwitschia Mirabilis» anima a superfície cinzenta e seca. O vento é muito mais forte e está frio. O Sol desce; não há cor, com excepção do círculo flamejante que flutua no horizonte e as nuvens róseas que dançam no céu. Quero admitir que é de frio, mas é a solidão e a desolação que me rodeiam e sinto, que pesam muito nesta tremura que me invade.

Na manhã seguinte levantamo-nos e saímos muito cedo. É a manhã da aves-

truz. Decidi que tenho de fotografar de perto uma pelo menos. O sr. Mário prometeu-mo. Tenho nele grande confiança. Tudo o que me promete, acontece. Rodamos num terreno macio e liso que se vai tornando brilhante. Encaminhamo-nos para o sul e as partículas brilhantes que atapetam o terreno são pedacinhos de mármore! Até custa a acreditar: estamos num deserto de mármore. O volume dos pedacinhos aumenta até chegar ao tamanho duma mão fechada, e aumentando sempre, a superfície branca e rosa, atinge proporções demasiado pesadas para caber na minha mão. Mais uma vez este maravilhoso deserto caleidoscópico me aturde. Mal consigo refrear-me para não levar um pedaço de mármore comigo, mas o pensamento de ter de pagar tudo o que exceda 20 quilos de bagagem, no avião, corta-me o gesto a tempo.

Deixámos todo aquele belo mármore para trás, o solo é de cascalho, rijo e plano, precisamente o que necessitamos para correr atrás da avestruz. Nem fiquei admirada quando avistei o que parecia ser uma bola negra rolando à distância. O sr. Mário estava agora a voltar para Santa Claus. Todos os meus desejos se cumpriram. Estiquei-me, apertei os joelhos contra as costas do banco da frente, a cabeça e os braços saem pela janela do «land-rover» comprimindo a máquina que bate na estrutura de metal. Nada me importa, tudo o que quero é aproximar-me do estranho pássaro. Aproximamo-nos tanto que a avestruz ocupa todo o campo visual da máquina. As patas enormes espalmam-se ruidosamente no solo duro, levantando pequenos novelos de pó. Corre a cerca de 60 km, por hora — e o mesmo fazemos nós. Quando por fim paramos, sei que tenho o que queria — e amanhã vou ter vários arranhões para tratar.

Nenhum animal à vista, o cascalho vai desaparecendo, dando lugar a uma areia limpa, branca. Não compreendo como o sr. Mário sabe para onde vai, mas continua a guiar, sem hesitações. De todos os lados surgem dunas, só areia e céu, o Sol é um disco brilhante sobre nós. O calor é tão abafante que sinto a cabeça esvaída, e os impulsos continuam a dominar-me. Encontro-me agora a subir devagar uma duna deliciosamente amarela. Por cada dois passos que avanço, escorrego um para trás e todo este esforço pelo prazer infantil de descer correndo o lado «liso» da duna, sabendo que ninguém aqui passou antes de mim, e ninguém pisará as



minhas pégadas, não só porque os ventos perpétuos apagam todas as marcas, mas também porque movem as enormes dunas para outro lugar.

O sol está de novo baixo, o dia passou tão depressa que nem posso acreditar que já são cinco horas e temos de voltar rapidamente. Num ápice, chegamos às montanhas longínquas e formações rochosas que o sr. Mário tem de atravessar para regressarmos ao acampamento.

Ontem não tomámos banho, por falta de água, mas hoje vamos a caminho de Dona com um único objectivo: está

quase a terminar o meu tempo de vida no deserto e eu não quero passar sem fotografar a população Himba que vive lá perto. Ao princípio são muito tímidos, não gostam da minha máquina, mas pouco depois sentam-se, o primeiro sorriso ilumina os seus rostos castanhos e fotografo os seus incríveis penteados. Até os homens fazem do cabelo um ornamento complicado. São amáveis, olham-me com a mesma curiosidade amigável que tenho por eles.

Passando, agora, em revista os poucos dias que permaneci no deserto de Moçâmedes, considero-os uma experiência única, que não gostaria de ter perdido e tenho esperança de reviver.

WALDMAN'S FISH COMPANY LTD.

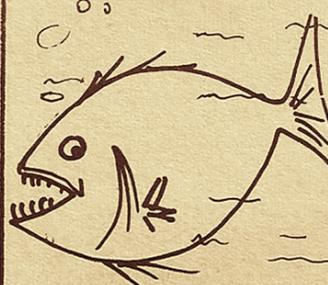
70 - 78 ROY STREET

MONTREAL, P. Q.

Telefone V. 2-4483

PEIXE FRESCO PORTUGUES

Pescada, Sardinha, Carapau, Cavala, Salmonete, Serra Agulha, Bonito, Dourado, Pargo, Choco, Lula, Carangueijo, Atum, Polvo, Linguado, etc.



LAGOSTA, CAMARÕES, MEXILHÕES, OSTRAS, AMEIJAS E TODAS AS ESPÉCIES DE MARISCOS

PEIXE Fresco e Salgado

BACALHAU, o fiel amigo sem espinhas.

Já não precisa ir a Portugal para comer o seu peixe favorito.

Compre-o no nosso "Store", situado no centro da área Portuguesa de Montreal.

WALDMAN'S FISH COMPANY LTD.

70 - 78 ROY STREET

MONTREAL, Canada

JOANA'S SUPERMARKET

406 BARRIE ST. — Tel. 548-8551
KINGSTON

Proprietário: ANIBAL PEREIRA



Um dos maiores estabelecimentos portugueses ao serviço da comunidade lusitana de Kingston

O mais variado sortido de PRODUTOS PORTUGUESES E CANADIANOS

VISITE A NOSSA CASA HOJE MESMO

ENTREGA RÁPIDA E GRATUITA

CONSERVAS — AZEITES — AZEITONAS — VESTUÁRIO PARA CRIANÇAS E ADULTOS — CALCADO — BRINQUEDOS — LIVROS — POSTAIS ILUSTRADOS, etc.

CONSULTEM A:

"LUSA" Export & Import

Rua dos Anjos, 12-E — LISBOA, PORTUGAL

Humor

ERA UMA VEZ ESTA HISTÓRIA

— Espelho, já viste um tipo mais parvo do que eu?

Era uma vez esta história igual a todas as outras. E quem lhes disse que havia algumas diferentes? Homens iguais, sim, que contam sempre a mesma coisa. Talvez porque isso lhes convém. A conveniência é outra história sem moral nenhuma. Era uma vez esta história e era, também, o primeiro dia do novo ano, o minuto seguinte ao balanço final do sexagésimo oitavo coice após la belle époque. Aqui me rendes, pois, ó bons amantes da fábula e da frioleira, a inventariar o passado. Se o futuro já começou, o passado está ainda por vir. E é graças a ele que certos patuscos gostariam de fazer coro com o António Mourão. Voltar atrás e saber-se o que se sabe hoje. Para repetir o mesmo. Ou pior. É admirável cair em erros semelhantes. As ratoeiras são iguais, os ratos é que mudam.

Era uma vez esta história. Precisamente no tempo em que ninguém falava. Nem os homens, nem os bichos, nem as pedras. Apenas se discutia. E os bichos atiravam homens às pedras. Em resumo: esta história aconteceu há quatro dias quando o primeiro passo do novo ano, titubeante mas implacável, se esboçou no calendário que a maioria arrasta com grilhetas de tédio e correntes de pessimismo.

— Espelho, já viste um tipo mais parvo do que eu?

O meu espelho também não falava. Mas escrevia. Com letras desenhadas a sabonete de alfazema inglesa velho. Frases curtas e bem aferidas, que cabiam no seu pequeno mundo de espelho de casa de banho, onde mal cabe a barba de cada um e a delicadeza virginal de cada uma. Espelho mágico e venturosamente surdo, que ouve pelo mexer dos lábios. E só o que lhe convém, de acordo com a sólida Filosofia dos Surdos-Mulas criada num universo de otite momentânea numa cidade de termas e de ad gas, a uma escassa semana do equinócio, sem qualquer espécie de pressão, atmosférica ou política.

Nas escolas filosóficas há lugar para todos. E para todas. Na dos Surdos-Mulas há ainda lugar e parque de estacionamento para qualquer veículo das ideias. Não tem alvará, não tem sede e manifesta-se no es-

purito, ao contrário da gripe d. Mão. Para lá do Cristianismo, do Budismo e da doutrina Zen, a Filosofia dos Surdos-Mulas não procura, encontra: não anuncia, dispara. Não angaria adeptos, adapta-se ao jeito das conveniências do pensamento e das suas primas quase irmãs que são as inconveniências da ironia. Não é uma instituição podre, abalada por gargalhadas com dentadura postiça, mas uma dessas aberturas no mau tempo, que são o bastante para palpar o guarda-chuva ao vizinho. Não é uma instituição veneranda, porque o seu criador anda pelos quarenta e picos e o seu símbolo (e meu talismã de bolso, amuleto de precisão, necessário e a justo) não é mais do que uma ponta de chavelho incrustado em prata e com a gravação de uma data (10-2-66), regulado pelo meridiano terrestre, sob auspícios e alquímicas influências

cósmicas. Eis, portanto, uma filosofia nascida sem alicerces pecaminosos ou lutas tribais, e sem subsídios. Basear-se-á, talvez, numa verdade bovina: «The right marrada in the right place», e no epitáfio dos medíocres sem estímulo, sem calor e sem a bem-aventurada força de vontade (tão rija como o talismã-chavelho): cresce e desaparece. Deus ditou: cresci e multiplicai-vos. Mas os homens reduziram-se a expressões algébricas e dividem-se em expressões tremebundas.

A maioria das coisas não deve ser dita. Muito menos escutada. O Omnipotente conseguiu-nos dois ouvidos para que as imbecilidades circulem livremente. Entrem por um ouvido e saiam pelo outro. E também nos conseguiu uma boca. Uma só. Para comer, beber e beijar. E já chega. O silêncio possui uma voz poderosa. Poucos são os que gostam de se comprometer pelo pio. E aqui, os ho-

mens e as corujas muito se assemelham. Pilatos lavou as mãos. Não lavou as orelhas. Por isso, ainda hoje escuta das boas. As flores com uma grande campânula, as cornetas acústicas e os velhos gramofones fazem-me sorrir. Tão abertamente como estes. Eis o princípio do humor, que está para o dos vasos comunicantes como Arquimedes para a banheira e Gay-Lussac para o tinto do Cartaxo e Euclides para as gaiolas de duas assoalhadas.

Escutando menos, pensa-se mais. Não há maus ouvidos. Há ouvidos que, sabiamente, apenas escutam o que desejam. Como não há más cabeças, mas artistas da tesouira que enaltecem demasado os penteados ao desfaço dos miolos recolhidos nem más unhas para a guitarra, mas sim manucuras que deixam o verniz e levam as falangetas com os pesti-

vos anéis.

— Espelho já viste um tipo mais parvo do que eu?

O meu espelho, obviamente integrado na Filosofia dos Surdos-Mulas, com o beneplácito, o fluído e o contacto directo do meu (dele, touro de lide) chavelho-amuleto, contra o mau olhado, os impulsos irreflectidos, as ondas de toda a espécie, a espinhela caída, a quebra de equilíbrio, a falta de tranquilidade e as bruxas do pé da porta que fazem milagres, o meu espelho, repito, acabou por responder:

— Os parvos são todos iguais. Por isso mesmo são parvos.

Apaguei-o, e ele prosseguiu: — Até eu sou parvo, porque tenho uma moldura. A maioria dos homens também. Mas neles é a moldura que vale alguma coisa.

Passei a toalha pelo vidro. E novas letras surgiram:

— No primeiro dia do ano

assenta bem um ar um tanto parvo. A partir dos Reis já há limites.

Com a mão desfiz a última frase. E o espelho:

— Só devo transmitir o que me põem na frente. A imaginação fará o resto.

O telefone tocou lá dentro. Fui atender. Regressei dez minutos depois. O meu rosto devia reflectir uma imagem de satisfação.

— Espelho — gritei — já viste um tipo mais parvo do que eu?

— Homem — gritou ele por sua vez, em sabonete, desenhando com as palavras um coração atravessado pelo chavelho-talismã — já viste um espelho mais parvo do que tu?

Ambos nos pusemos a rir e eu estava a entrar o Novo Ano com o pé direito

SANTOS FERNANDO

Portugal — «testa de ponte» da indústria automobilística japonesa — sublinha um jornal espanhol

Portugal poderá tornar-se uma «testa de ponte» da indústria automobilística nipónica para a sua penetração maciça na Europa — escreve o jornal espanhol «Arriba», na sua edição do passado dia 19, ao referir-se à recente instalação, no nosso País, de

uma fábrica de montagem de importante marca de veículos japoneses.

«Nada admira» — diz aquele quotidiano — «que, num prazo mais ou menos curto, Portugal possa contar com a instalação definitiva de uma poderosa fábrica de elementos que lhe confirmem características de autêntico produto nacional».

Não é esta a primeira tentativa da indústria japonesa para se colocar em condições de lutar pelo mercado europeu. Ensaios anteriores foram já efectuados, segundo consta, no Egipto e Marrocos. Mas sem êxito. A Grécia foi, também, objecto de especial atenção em determinada altura, mas nunca como até agora — acentua o «Arriba» — parece terem os fabricantes nipónicos encontrado ensejo para travar a grande batalha europeia.

Segundo aquele jornal,

vários aspectos contribuem para fazer de Portugal o ponto de partida mais adequado para uma operação deste tipo. «Em primeiro lugar estaria a sua conexão económica com os países da E. F. T. A., sobre os quais incidiriam, fundamentalmente, as vendas na primeira fase do auscultamento; depois, a sua específica situação geográfica, que o coloca em óptimas condições, dentro da rota marítima, entre o Japão e a Europa e, finalmente, a abundância da mão-de-obra e a sua rápida capacidade de assimilação».

O matutino madrilenho, cujo artigo tem a assinatura de Perez las Clotas, afirma, ainda, que a fabricação inicial para a exportação de 50 mil unidades por ano (o que parece ser o mínimo exigido para uma instalação destas características) representaria, em princípio, o equivalente das que anualmente se encontram em Portugal através das fábricas já existentes, com a vantagem, porém — acrescenta o jornal — de produzir séries economicamente rentáveis e com benefícios concretos para a balança de pagamentos.

VENDE-SE MOBILIARIO QUASE NOVO:

COZINHA, SALA, QUARTO e PEÇAS DISPERSAS.

Tel. 849-6988 MONTREAL

LABOW'S CUT RATE DRUG STORE

RECITAS CUIDADOSAMENTE VERIFICADAS COMPLETO SORTIDO DE MEDICAMENTOS ENTREGAS RAPIDAS AO DOMICILIO

4160 St. Lawrence Blvd. — Tel. VI. 4-3443

Um porco condenado à matança mandou o «matador» para o hospital

SANTA CRUZ DO DOURO (BAIÃO), 19 — Nesta localidade, há um perito em matanças de porco, o sr. Francisco Ferreira Lopes, que tem (tinha até aqui) uma técnica infalível e mortal. Resoluto e sempre sem o mais simples auxílio, entra nos currais e lança tão fortemente o «inimigo» que basta arrastá-lo pela corda para o ter à mercê da faca. Consumado este acto preparatório, o sr. Lopes reduz, facilmente, o porco mais luzidio a presunto, toucinho, febras e miudezas.

Pelo menos, tem sido sempre assim, sem qualquer novidade para o «matador». Até que, de repente tudo se modificou. Há dias, o sr. Lopes foi chamado para «encomendar» (para a salgadeira, é claro) um valente suíno da região. Procedeu como habitualmente e tudo decorreu como estava previsto, até ao momento supremo. Porém, ao ver a faca sentenciadora, o porco deu um esticão à corda e, com fúria de possesso, atirou-se ao seu carrasco, deixando-o com um braço fracturado e o corpo contundido e maceado.

Dali mesmo, o sr. Francisco Ferreira Lopes seguiu para o Hospital de Baião, onde ficou internado. Enquanto o valente suíno de Santa Cruz do Douro partiu, pacatamente, para o campo, parando a tosar uma certa ervazinha rasteira e gostosa que há na região.

Lições de Inglês só para Portugueses

Todas as Quarta-Feiras, às 7.30 P.M. As lições são gratuitas. Só as pessoas que começam a aprender o inglês são aceites. A professora também fala português.

UNIVERSITY SETTLEMENT 3553 St. Urbain Street Telefone 842-8836

MENINA Portuguesa

de 23 anos de idade, deseja corresponder-se com rapaz solteiro, também português.

Dirigir correspondência para:

ROSIHA — Travesa de Santa Marta, 15, 4.º-Esq., LISBOA, Portugal.

MULTIPLIQUE AS SUAS VENDAS ANUNCIE EM Voz de PORTUGAL



PAUL SCOTT ENRG'D

OLEO PARA FORNALHA CENTRAL e DOMESTICO de 1.ª qualidade, aos mais baixos preços

24 horas de serviço

MONTREAL TEL.: 288-1808



VAI MUDAR?

Chame PIRES & RIBEIRO TRANSPORTES E MUDANÇAS TELEFONES 844-5790 e 842-6096 MONTREAL

BARBEARIA CENTRAL

113 PINE AVENUE, Este - Tel. 843-5651 - MONTREAL



O mais moderno Salão Português de Barbearia ao serviço da colónia Portuguesa:

SOUSA, CLAUDIO

competentes profissionais, aguardam a visita do prezado compatriota.

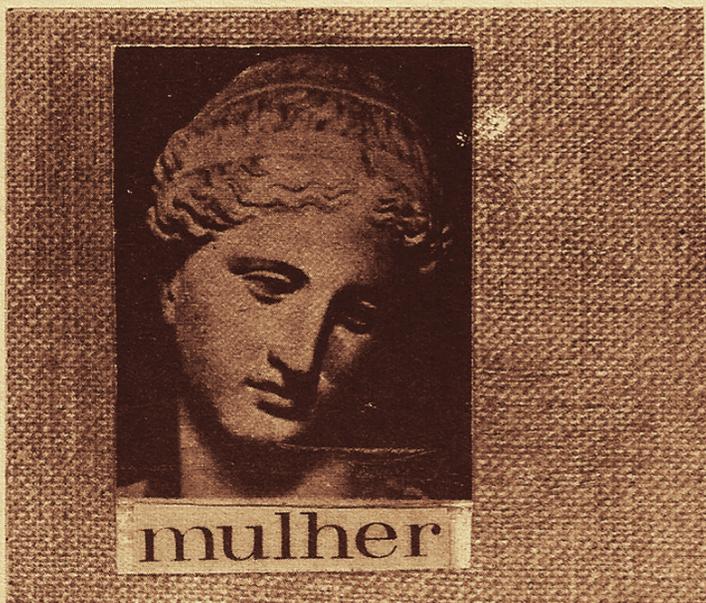
SALÃO DE CABELEIREIRO RITZ

Propriedade do Português JOAO VELOZA

ESPECIALIZADO EM TINTURAS, CORTES DE CRIANÇA E PERMANENTES

Empregada portuguesa nos fins de semana Sextas-Feiras, das 5 às 9 P.M. e Sábados durante todo o dia.

Salão RITZ 4916 ST. DENIS Telef. 844-4708



AS MULHERES CANADIANAS

à conquista de uma nova educação

OS NOVE MILHÕES de mulheres canadianas estão a tentar ganhar o tempo perdido e conquistar um estatuto social que nesse país, tanto como em França, lhes foi durante muito tempo recusado. No entanto, se hoje mais de uma mulher em três, em idade de trabalhar, ocupa um emprego, se algumas delas começam a dar entrada nas profissões liberais e mesma na política, é em matéria de educação que a revolução que começa tem possibilidades de modificar fundamentalmente a imagem e a situação da mulher na sociedade canadiana. Madame Pierrette Sartin, especialista francesa dos assuntos dos empregos e autora de um trabalho sobre «A promoção da mulher», e que actualmente ensina na Universidade de Laval, de Quebec, dá-nos um quadro da mulher canadiana à conquista de uma nova educação.

A mulher canadiana compreendeu que nem a sua formação escolar nem a sua formação universitária, muitas vezes interrompidas pelo casamento, tais como lhe haviam sido dadas nos últimos decénios, lhe permitiam entrar na vida profissional, a fim de exercer uma profissão que correspondesse às suas aspirações. Acha portanto que, embora o lar continue a ser para ela um lugar de enriquecimento e de tranquilidade, ele não é o único possível, o único desejável... E afirma-o sem provocação nem falsa vergonha, como o direito da pessoa a dispor de si própria.

Muitas canadianas têm um sentido cívico muito desenvolvido. Quando os filhos atingem uma certa autonomia e a tarefa maternal se tornou menos forte, elas consideram seu dever participar na vida política, social ou profissional num país como o Canadá em que a falta de quadros se faz cruelmente sentir.

Vêm-se, assim, mulheres de todas as idades, de todas as formações e de todos os meios, voltar

à escola ou aos bancos da Universidade.

O Ministério da Educação lançou as bases de um sistema de educação permanente que permite aos adultos, após um exame de entrada, seguir os mesmos cursos e obter os mesmos diplomas dos estudantes. As mulheres acorreram em massa, e faltam mesmo meios materiais para acolher todas as que o desejavam. Mas esses cursos dados à noite, após as 19 e 30, que é a hora crítica na maioria dos lares canadianos, eram dificilmente compatíveis com as suas obrigações familiares, sobretudo porque os estudos se prolongavam por vários anos. Obtiveram então novos horários (das 13 e 30 às 15 e 30) que coincidem com os horários escolares das crianças.

E vêm-se correntemente mães de família, que criaram cinco, seis e às vezes nove filhos, voltarem à Universidade, seguirem assiduamente cursos, passarem nos exames como os filhos e as filhas. Entre elas, a mulher do presidente da Câmara de Quebec, por exemplo, que segue na Universidade um curso

de Matemáticas, o que não a impede de secundar o marido numa tarefa difícil e de horários muito sobrecarregados. A Universidade canadiana oferece, de resto, um espectáculo curioso, devido ao grande número de adultos que frequentam os anfiteatros e os corredores, e se encontram na cafeteria dos professores, muitos deles mais novos.

A este ensino directo, dado nas escolas e nas universidades, acrescentam-se programas muito completos difundidos pela televisão escolar e que chegam, portanto, aos recantos mais isolados do campo.

Fez-se há uns dois anos na região do Saguenay-Lac-Saint-Jean uma experiência-piloto de televisão educativa, a que foi dado o nome de Televic. Foram aí também as mulheres os melhores sustentáculos da experiência. A sua participação, assiduidade e perseverança foram muito maiores do que as dos homens, e, facto a notar, foram principalmente as mulheres casadas entre vinte e cinco e cinquenta e quatro anos que se inscreveram em maior nú-

Em poucas palavras

★ D. Jaime de Moura y Aragon, irmão de Fabiola, resolveu realizar, no «Beach Club», o congresso das «Ovelhas roncadas» da alta sociedade. Entre os convidados contam-se: Soraya, Vitor Manuel e Maria Beatriz de Sabaio, Gunther Sachs, os duques de Windsor, Irene da Holanda e o marido (que já não poderão com-

parecer, visto haverem sido expulsos de Espanha, onde a festa se realiza), Odile Rodin Rubirosa, Marina Doria, Mia Farrow, o ex-ministro inglês Profumo, etc.

★ Chris Barnard declarou, sorrindo, numa conferência: «A primeira transplantação de órgãos efectuou-se no Paraíso. Adão foi o dador e Deus o cirurgião. Durante a operação. Adão foi adormecido».

moda



mero.

As disciplinas tradicionalmente consideradas femininas

Significará isto que todas as mulheres canadianas estão satisfeitas e tenham todas elas razões para isso? Assegurá-lo seria desconhecer a força das tradições do país. Se grande número de mulheres se libertou delas, não deixa de ser verdade que os modelos nos quais várias gerações se inspiraram, influenciaram fortemente o inconsciente colectivo. Muitas mulheres ainda se contentam seguindo as aulas de catequese, de pedagogia e de psicologia infantil. Por seu lado, o Ministério e os estabelecimentos de ensino têm tendência para as orientar para as disciplinas sociais, literárias pedagógicas, tradicionalmente consideradas femininas.

Será um modo subtil de as afastar das carreiras profissionais onde poderiam ser serias concorrentes dos homens? Será a ignorância dos verdadeiros problemas que a condição da mulher põe ao mundo... ou simplesmente o desejo de corresponder à tendência daquelas que ainda não tomaram plena consciência do mundo em que, de vontade ou contra vontade, têm de viver?

Será difícil dar uma resposta. Mas quando medimos o caminho percorrido em menos de dez anos pela mulher canadiana e em especial pela do Quebec, podemos esperar — no caso das jovens seguirem as pegadas das mais velhas — que elas terão acesso sem nenhuma discriminação tanto ao ensino como à vida profissional.

PIERRETTE SARTIN

A amplitude deste casaco e o seu aspecto um pouco másculo mas ao mesmo tempo com uma certa feminilidade são as características originais deste modelo bege com enormes algibeiras sobrepostas, gola e bandas, também um pouco exageradas, e asseroadas apenas por dois botões, que aparecem, também, nas mangas. A rosa será talvez o «toque» mais feminino deste práctico e bonito modelo que Lapidus criou.

ATHENS PHOTO STUDIO

Para as suas Fotografias de Casamento, visite o nosso Stúdio

Fornecemos gratuitamente roupa de casamento para a cerimónia em casa, na igreja ou no salão, sem pagar mais.

Trabalho artístico e garantido

2027 ST LAWRENCE BLVD. MONTREAL Tel. VI.4-4951

AGENCIA DE VIAGENS LISBONNE

4382 St. Lawrence Blvd. TELEFONES 845-0715 e 849-8595 MONTREAL

VIAGENS AEREAS E MARITIMAS EXCURSÕES PARA PORTUGAL

Passaportes, traduções, fotografias

PARA

OLEO DE AQUECIMENTO

CHAME: 288-1483

R. ROBIDOUX

4269 De Bullion

OLEO DE 1.a QUALIDADE

Serviço rápido e cortez

Madame de Montreal

GRANDE SALDO DE INVERNO TUDO COM PREÇOS REDUZIDOS DE 22 a 50%

4003, BOUL. ST-LAURENT TEL.: 845-6622

desporto

Os «portistas» continuam a comandar a classificação

O campeonato nacional da 1.ª Divisão retomou o seu curso com os encontros da 16.ª jornada, reduzida de um jogo, pois o Sporting-U. Tomar só se realizará depois de amanhã.

Sobre os desafios de Setúbal e de S. João da Madeira recaíram as atenções gerais, pois as equipas que para ali se deslocaram eram guias da classificação, esperando as tarefas difíceis.

Do que se passou nos vários campos damos a seguir breves notas.

(Na 1.ª volta: 1-2)

Em ambiente de excepcional vibração as equipas entraram em campo apresentando as seguintes constituições:

Árbitro — Mário Alves, de Beja.

V. SETUBAL — Vital; Conceição, Alfredo, Herculano e Carriço; José Maria e Wagner; Guerreiro, Figueiredo, Arcanjo e Jacinto João. Suplentes — Torres, José Mendes, Tomé e Petita.

BENFICA — José Henrique; Jacinto, Humberto, Raul e Cruz; Toni e Coluna; Jaime Graça, Torres, Eusébio e Simões.

Suplentes—Abrantes, Adolfo, Humberto Fernandes, Praia e José Augusto.

O Vitória marcou o primeiro gol ainda antes de que qualquer jogador benfiquista tivesse tocado no esférico: Arcanjo apossou-se da bola e endossou-a a Figueiredo que por sua vez «meteu-a» na zona central onde surgiu JOSÉ MARIA que com um remate raso obrigou José Henrique a ir buscar o couro ao fundo da baliza. Tinham decorrido apenas quinze segundos e o Vitória passou a vencer por 1-0.

Logo a seguir Figueiredo desfrutou de excelente ocasião para marcar, aparecendo isolado em frente da rede adversária. O remate do avançado sadino saiu, contudo, alto e o lance perdeu-se.

Apesar deste ameaçador começo dos visitantes, o Benfica não se perturbou e aos 3 minutos repôs a igualdade num remate de cabeça de COLUNA a concluir um livre apontado por Simões.

O jogo prosseguiu depois numa toada de grande entusiasmo e vibração, com o Benfica lançado na ofensiva e o Vitória a desferir os seus golpes de preferência em jogadas de contra-ataque.

Aos 9 minutos um fora de jogo enradamente assinalado a Figueiredo levantou protestos. Entretanto o jogo decorria com agrado, embora

SETÚBAL, 1—BENFICA, 1

fosse evidente o nervosismo de alguns jogadores. No Benfica começou a tomar vulto a acção de Jaime Graça, condutor dos melhores lances ofensivos da sua equipa. No Vitória, José Maria e Jacinto João tinham papel preponderante e ambas as defesas tinham grandes dificuldades em neutralizar a velocidade dos ataques contrários.

Torres, aos 13 minutos acorreu à sua área para anular um lance muito perigoso dos sadinos, concedendo canto a que se seguiu novo canto para cortar nova situação de muito perigo.

O primeiro quarto de hora foi de emoção no Estádio do Bonfim. Dois golos logo de início empolgaram jogadores e assistência, vendo-se duas equipas a girar magníficos lances de ataque adornados pela boa execução individual dos jogadores.

Aos 24 minutos Guerreiro numa excelente jogada bateu toda a defesa do Benfica, incluindo José Henrique. A bola, porém, correu paralelamente à linha de golo até que os benfiquistas aliviaram.

Dois minutos depois José Henrique ao colocar a bola em jogo deixou-a fugir. Arcanjo aproveitou para atirar o esférico para a rede deserta. Coluna, porém, acorreu com oportunidade e pôde travar o esférico na sua marcha fatal.

Aos 30 minutos, porém, Torres teve uma excelente jogada que concluiu com um centro em condições favoráveis ao remate dos companheiros. A defesa do Vitória, no entanto, oportunamente pôde neutralizar a jogada que se apresentava perigosa.

Os dois momentos de perigo atrás assinalados, frente da rede de José Henrique, traduzem uma maior pressão ofensiva dos setubalenses ao aproximar-se da meia hora. O Benfica, contudo, era uma equipa insubmissa, desferindo os seus golpes sempre que para tal se lhe apresentava a ocasião. A jogada de Torres ilustra até essa irreverência dos «encarnados» ante o ímpeto do adversário.

Aos 33 minutos um bom remate de Wagner fez a bola embater na cabeça de um defensor benfiquista e a jogada perdeu-se.

Respondeu o Benfica com uma arrancada de Eusébio que provocou muito perigo. Simões, isolado, não conse-

guiu, porém, vencer a oposição de Vital, que saíra ao seu encontro.

O golo parecia iminente em cada lance e pouco antes do intervalo Figueiredo conseguiu introduzir a bola na rede do Benfica. O árbitro, no entanto, anulou o golo por deslocação do marcador o que provocou grande efervescência dentro e fora do rectângulo, uma vez que os sadinos fundamentavam as suas reclamações no facto do esférico ter tocado antes num defensor benfiquista o que tornava legal a posição do dianteiro de Setúbal.

Nos últimos quinze minutos o Vitória carregou a fundo sobre a baliza benfiquista impondo superioridade que causou muitos momentos de apuro aos defensores visitantes. Salienta-se a interferência do hábil Arcanjo nos melhores lances de ataque da sua equipa e a boa actuação de Humberto e Raul no sector defensivo dos benfiquistas.

Ao intervalo, portanto: V. Setubal, 1-Benfica, 1.

O Vitória recomeçou a partida em grande velocidade, sujeitando o adversário a intenso domínio. Figueiredo, de cabeça, rematou à barra aos 4 minutos.

O Benfica fez, então, substituir Jaime Graça por José Augusto, mas o o grupo de Setúbal continuou dono e senhor do jogo.

Até aos 11 minutos, altura em que uma fuga de José Augusto levou pela primeira vez neste segundo tempo, a equipa local superou-se abertamente a um antagonista que parecia incapaz de acompanhar a extrema movimentação do ataque setubalense.

Ao aproximar-se o quarto de hora Eusébio teve duas fugas que constituíram sério risco para a rede de Vital.

Estes lances parecem ter assinalado uma melhor réplica do Benfica, cujo ataque começou a surgir ameaçador.

Aos 14 minutos Arcanjo substituiu Tomé no onze sadino.

Libertando-se do assédio dos sadinos nesta segunda parte, o Benfica voltou a equilibrar a partida mercê dos esforços de Eusébio, Torres, Toni e Simões principalmente.

Mas aos 20 minutos José Maria teve uma admirável jogada individual em que fintou vários adversários, acabando por ser derrubado por Coluna á entrada da

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL



área. O livre marcado por Jacinto João proporcionou espectacular defesa a José Henrique.

O desafio decaiu de nível em relação ao melhor período da primeira parte. No entanto a emotividade do duelo manteve-se, ainda que mereça destaque o período inicial do Vitória que superou largamente o Benfica na velocidade com que desenvolveu os seus esquemas.

A réplica do Benfica ainda que meritória não conseguiu mais do que equilibrar a partida no aspecto territorial.

Dois substituições; no Vitória Petita substituiu Guerreiro e no Benfica, Eusébio cedeu o lugar a Praia, o que se estranhou, pois o moçambicano estava a ser dos mais destacados jogadores em campo.

O Vitória voltou entretanto a impor a sua maior frescura física e ardor atacante e o jogo desenrolou-se até final no meio-campo dos «encarnados».

O empate poderia parecer injusto para os sadinos. Na realidade a turma de Fernando Vaz usufruiu larga superioridade técnica e territorial ao longo dos noventa minutos, embora o Benfica tivesse sempre colocado no jogo toda a sua experiência, o que lhe permitiu alcançar a igualdade.

Anote-se, contudo, o labor excelente dos departamentos defensivos a opôr-se muito bem aos magníficos lances desenvolvidos pelos sectores atacantes.

Varzim, 2-C. U. F., 2

(Na 1.ª volta: 0-2)

Jogo no Estádio do Varzim perante regular assistência. Árbitro: Porfírio da Silva, de Aveiro.

VARZIM — Benje; Fernando Ferreira, Quim, Salvador e Sidónio; Rico e Carmo Dias; Camolas, Nelson, Marques e Diamantino.

C. U. F. — Vítor Cabral; Bambo, Cajica Rapaz, Castro e Medeiros; Pedro e Arnaldo; Vieira Dias, Monteiro, Capitão Mor e Fernando.

Iniciando a partida ao ataque o Varzim instalou-se de pronto no meio campo cufista, sem que, no entanto, tivesse conseguido qualquer oportunidade para fazer golo.

E foi a equipa visitante que abriu o activo quando eram decorridos 22 minutos de jogo.

Fernando ao encaminhar-se perigosamente para a grande área varzinista foi carregado em falta por Quim. Chamado a executar o livre respectivo ARNALDO fê-lo de molde a obter o golo.

Não se inferiorizando com o tento sofrido, o Varzim reagiu e continuou a criar sucessivas situações de perigo para a defensiva visitante, que passou por momentos bastante delicados com realce para Vítor Cabral que actuando excelentemente não permitiu a concretização dos objectivos contrários.

Aos 42 minutos, Camolas conseguiu introduzir a bola na baliza da C. U. F., mas em posição de fora de jogo, pelo que o árbitro anulou o golo.

Mas aos 45 minutos o mesmo CAMOLAS conseguiu a

merecida igualdade, ao dar seguimento a um excelente centro vindo da direita.

Ao intervalo, portanto, 1-1. Reatado o encontro verificou-se que o Varzim insistia no ataque, forçando a extrema defesa cufista a actuar com as maiores cautelas.

Aos 13 minutos Serra substituiu Marques na equipa da casa.

Decorrido um minuto, Benje não conseguiu segurar uma bola alta permitindo que CAPITÃO MOR surgisse oportunamente a fazer o segundo golo para a sua equipa.

Aos 22 minutos nova igualdade; NELSON numa jogada de assistência conseguiu, com forte remate obter o segundo golo para o Varzim.

Aos 28 minutos Vieira Dias cedeu o lugar a Gomes Ferreira, na turma «fabril».

A meia hora o jogo desenrolava-se alternadamente, num e noutro meio campo, procurando qualquer das equipas desfazer a igualdade.

No entanto, e apesar dos esforços desenvolvidos, o resultado não se alterou pelo que no final, o 2-2 mantinha-se.

RESULTADOS

Leixões, 1-Académ.; 1
Setubal, 1-Benfica, 1
Braga, 1-Belenen; 4
Varzim, 2-Cuf, 2
Atlético, 0-Guimar; 3
Sanjoanense, 0-Porto, 0

CLASSIFICAÇÃO

F. C. PORTO	16	25-14	24
Benfica	16	33-14	24
Guimarães	16	24-10	22
C. U. F.	16	24-17	20
V. Setúbal	16	25-16	19
Sporting	15	20-9	17
Académica	16	29-24	17
Belenenses	16	18-20	15
Leixões	16	11-19	14
U. Tomar	15	17-28	13
Braga	16	11-24	11
Varzim	16	20-38	11
Sanjoanense	16	10-21	9
Atlético	16	15-28	6

SPORTING: Derrota por 3-4

(depois de estar a vencer por 3-0)

com o Deportivo de Itália

CARACAS, (A. N. I.) — O Deportivo da Itália, segundo classificado do campeonato de futebol da Venezuela, derrotou de uma maneira impressionante e quase no último minuto o Sporting Clube de Portugal, por 4-3,

num encontro internacional amigável disputado em Caracas, ontem à noite.

Ao intervalo os portugueses ganhavam por 3-2.

Os golos do Deportivo da Itália foram marcados por Mendonça.

Lourenço, dois golos que não evitaram nova derrota do Sporting

za aos 35 minutos, por Almeida aos 41 e por Pereira aos 57 e aos 87 minutos

Os tentos dos portugueses foram obtidos por Lourenço aos 8 e aos 22 minutos e por Morais aos 14.

As equipas alinharam:

DEPORTIVO DA ITALIA — Eddy Garcia; Tenório, Frebby e Vicenta; Torres e Elmo; Mendoza, Almeida, Mateo, Paulinho e Nitti.

SPORTING — Damas; Celestino, Armando e José Carlos; Pedro Gomes e Gonçalves; Pedras, Chico Lourenço, Ernesto e Morais

ASSINE E DIVULGUE "VOZ DE PORTUGAL"

FOTO STUDIO LISBOA

A única casa portuguesa em Montreal no ramo da fotografia. Máquinas fotográficas, venda de filmes, projectores, etc. — Já pensou como é fácil fazer fotos em sua casa com a ajuda de uma máquina "POLAROID", que lhe dará fotos em 15 segundos? Faça uma visita a este Studio, que ganha tempo e dinheiro. Grandes descontos para os portugueses.



STUDIO LISBOA - 4382 St. Lawrence - Mtl - Te. 849-8595

TALHO VENDE-SE

Bem equipado, bom volume de vendas. Preço muito razoável. Informa: 4245 ST. LAWRENCE Tel. 254-0524 Depois das 6 p.m. Tel. 739-1607

MERCEARIA com licença de Cerveja e Mercearia fina. Com residência.

VENDE-SE por motivo de reforma do proprietário. Preço: \$6.000. Dirigir-se a: 50 St. Norbert Tel. 844-5160

PRECISAM-SE OPERADORAS

TRABALHO GERAL COM OU SEM EXPERIENCIA. Fazer aplicação a Mr. STARUSS 99 CHABANEL Ouest CHAMBRE 502-A

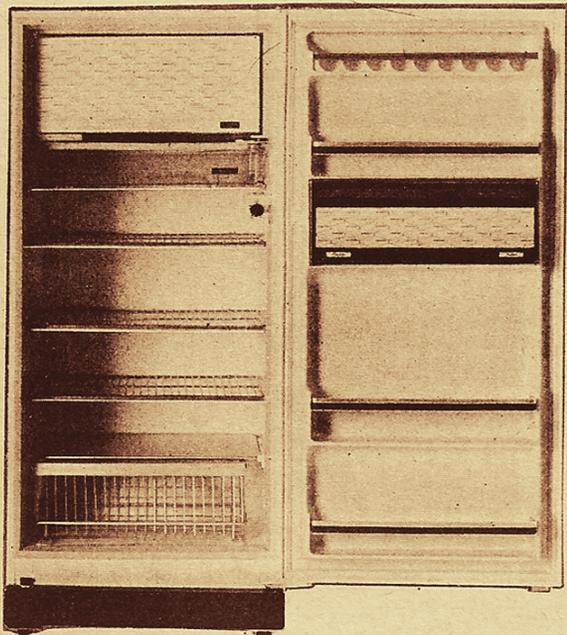


melhores preços
melhor qualidade
facilidades de pagamento

ARCA FURNITURE

3997 Boul. St. Laurent - Telefone 845-6470

A mais antiga Casa Portuguesa de Mobílias no Canada



MODELO 8304
GARANTIDO MOTOR-COMPRESSOR POR 5 ANOS — TODAS AS PEÇAS POR 1 ANO, COM SERVIÇO GRATIS.



MESA COM QUATRO CADEIRAS
FRIGORIFICO BRANCO



FOGÃO ROY 24108
LARGURA 24 POLEGADAS
Elementos garantidos por 3 anos
UMA VERDADEIRA PECHINCHA

7 PEÇAS DE COZINHA POR \$319.00 SOMENTE

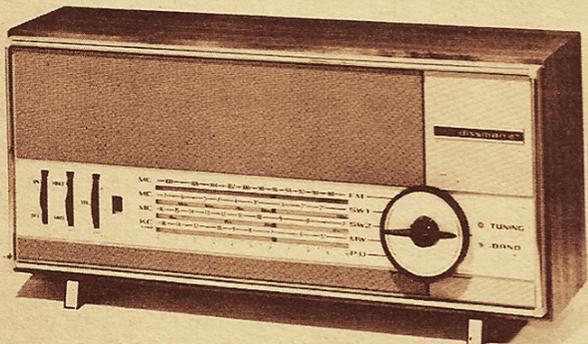
FACILIDADES DE PAGAMENTO • ENTREGA IMEDIATA

TAL QUE ILUSTRADO

RADIO CAIXA DE MADEIRA

- ✓ ONDA MEDIA
- ✓ FREQUENCIA MODULADA
- ✓ ONDA CURTA I
- ✓ ONDA CURTA II

PREÇO ARCA **\$59.00**



COMO ILUSTRADA
PREÇO ARCA **\$39.00**

SALDO

- GIRA-DISCOS AUTOMATICO desde \$34.00
- CONJUNTOS DE COZINHA desde \$32.00
- MAQUINAS DE COSTURA desde \$49.00
- MAQUINAS DE BARBEAR desde \$17.95
- TORRADEIRA AUTOMATICA desde \$8.99

STEREO-BAR
ONDAS CURTAS

Liquidação **\$179.00**

PREÇO - QUALIDADE - FACILIDADES DE PAGAMENTO

Miss Portugal-Canada 1969 —alguns apontamentos

Era uma vez...
Esta é a tradicional maneira de iniciar todas as histórias, pelo menos aquelas que na infância nos maravi-

gante simplicidade.
Toda a sua vida se rodeia dessa naturalidade que faz dos grandes acontecimentos coisas banais. Excelente es-

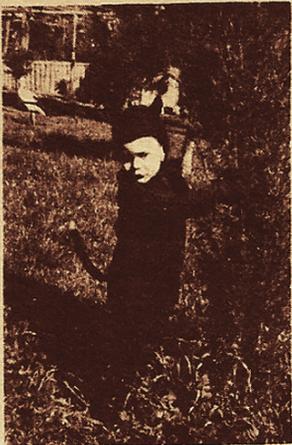


Com um ano, já Miss Portugal havia conquistado o título de "Miss Praia", em Santo Amaro.

lharam os ouvidos e nos mostravam o mundo numa cor que, de facto, só nos livros existe.

Pois a história hoje é bem outra. Muito real, muito gentil e deveras interessante: em 22 de Julho de 1949, no velho Bairro de Benfica, nascia a atraente portuguesa que havia de conquistar o título de Miss Portugal-Canada 1969, em Toronto,

tudante do 1.º ano do Curso de Artes e Letras do "College Ahuntsic", Virginia Marques tem ainda tempo para prestar preciosa ajuda a sua



Aos 18 meses, Virginia "disfarçada" de gata.



Como o cabeleireiro pode modificar as feições. Reconhece o leitor Virginia, aos 18 anos?



A sobriedade personificada em Virginia, aos 17 anos.

Como palavras finais, disse-nos Miss Portugal-Canada que não tinha qualquer vocação para canto, de outro modo seria também concorrente ao Festival Etnico da Canção. Que estava grata à Organização de Montreal pelo estímulo que lhe dera e, muito especialmente, gostaria de agradecer aos pais pela vitória, que não teria sido possível sem o seu apoio e ajuda.

Ao repórter é sempre grato trazer a público acontecimentos que tenham o interesse da comuna. Mas mais grato ainda se torna o trabalho quando os intervenientes têm a grande virtude da simplicidade — atributo aplicado plenamente a Miss Portugal-Canada 1969, Virginia Marques.

A. B.

O MINISTRO DO ULTRAMAR AO REGRESSAR DE ANGOLA

«Há muito trabalho a fazer»

De regresso da sua viagem de trabalho a Angola, onde permaneceu durante doze dias, chegou titular da pasta do Ultramar, prof. Silva Cunha. Aguardavam-no alguns membros do Governo, entre os quais o ministro e o subsecretário de Estado das Obras Públicas, respectivamente eng. Rui Sanches e dr. Silva Pinto; subsecretários de Estado da Administração Ultramarina e do Fomento Ultramarino, drs. Almeida Cota e Rui Patrício; subsecretário de Estado da Administração Escolar, dr. Justino Mendes de Almeida; funcionários superiores do Ministério e outras individualidades ligadas ao Ultramar.

O dr. Correia de Campos representava o Presidente do Conselho.
A chegada ao aeroporto o prof. Silva Cunha declarou aos representantes dos órgãos da Informação:
«A minha visita a Angola foi organizada com o objectivo de permitir ao responsável pela pasta do Ultramar conviver com as populações, contactar com os serviços e trabalhar com as autoridades superiores da província, para ver mais de perto, em contacto mais directo com as realidades, como a política do Governo está a ser executada, como decorre a administração e o que se impõe, como mais urgente, reajustar ou corrigir.

«Foi, pode dizer-se, uma visita de rotina, na sequência das anteriores. Como afirmei, na mensagem de despedida às gentes de Angola, volto optimista e confiante no futuro. Há muito trabalho a fazer e dificuldades a vencer, há problemas a exigir solução, mas o progresso, porém, continua, sendo impressionante o ritmo de crescimento económico, o desenvolvimento cultural e as melhorias das condições.

«Mais impressionante é, no entanto, o espírito de decisão de todos — militares e civis, autoridades e particulares — e recon-

fortanfe a confiança no Governo, na sua política e na chefia do sr. Presidente do Conselho.»

Francês condenado na Bulgária por espionagem

SOFIA, 16 — (F. P.) — Um francês de 26 anos foi condenado ontem pelo tribunal de Sofia a 15 anos de prisão por espionagem, actividades subversivas e porte de arma proibida. Três emigrantes bulgaros residentes em Paris foram condenados à revelia a diversas penas de prisão.

Aproveite esta época do ano para, calmamente, completar o recheio de sua casa. Para MOBILIAS, SOFAS, CARPETES, APARELHAGEM ELECTRO-DOMESTICA, RADIOS, TV e CONJUNTOS ESTEREOFONICOS; etc., vá ao



3698
St. Lawrence Blvd.
Telefone 845-0347

QUALIDADE,
PREÇO e
GARANTIA.
CERTIFIQUE-SE.

no passado dia 19. O seu nome: Virginia Marques.

Filha do sr. Arindo Marques e de D. Maria de Lurdes Marques, Miss Portugal-Canada possui um dom que muito aprétiámos e que teria sido, porventura, a razão do seu êxito: uma ele-



Manuel dos Santos ficaria pasmado com Virginia Marques, em "traje de lúces" quando tinha 6 anos.

mãe nas tarefas domésticas. Aparece com regularidade em reuniões sociais, invariavelmente acompanhada da família, que forma assim um bloco sólido, ligado pelo respeito e pela amizade.

A obtenção do título de Miss Portugal-Canada não subiu à cabeça da delicada Virginia. Mas deu-lhe muita e justificada alegria, de mistura com agradável surpresa. Quando se soube colocada à frente de Miss Toronto e Miss Livingston, sentiu-se compensada pelo esforço dispendido, desde que, em 1 de Dezembro último, conquistou o lugar de Miss Portugal-Montreal. Com essa satisfação, segue em linha paralela a conveniência dos prémios auferidos, que não são para despresar: uma viagem aérea para Portugal e outra ao México, qual delas mais excitante.

Perguntámos à Virginia qual era a sua maior ambição: "Ser professora", respondeu-nos, como já havia respondido ao júri que, no último domingo, lhe atribuiria o lugar cimeiro do interessante concurso.



O SEU CARRO
NAO PEGA?

ACIDENTE AUTOMOVEL?

CHAME
BERRA AUTOMOBILE

849-2283/4 dia
271-7924/ noite

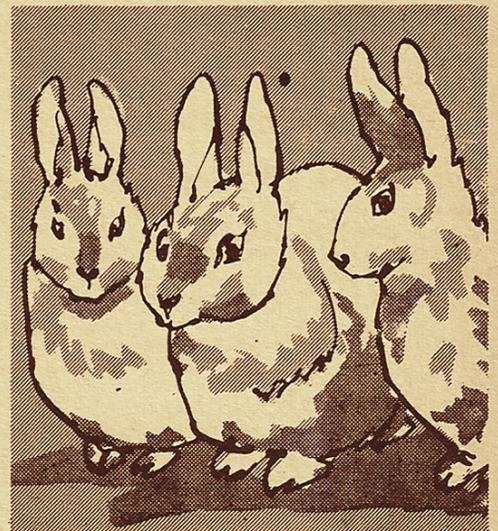
2 PRONTO-SOCORROS
A' SUA ORDEM
EQUIPADOS COM
RADIO

Veja o seu dinheiro multiplicar.

As coisas maravilhosas acerca do dinheiro é que este pode multiplicar-se sem grandes esforços. Ponha de lado alguns dólares, numa própria atmosfera, e eles crescerão... multiplicar-se-ão... aumentarão.

É o que acontece com o seu dinheiro na Conta de Economias do Scotiabank. Cresce, seguramente, com juros. Para que deseja economizar? Para um novo carro? Adiantamento num casa? Num negócio? Uma viagem à sua terra? Para a educação dos seus filhos? Faça com que o seu sonho se torne realidade rapidamente.

Abra uma Conta de Economias, esta semana, no Scotiabank.



The Bank of Nova Scotia

Economias no Scotiabank. Um dos Setenta serviços do Scotiabank.